



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Nathalia Vieira da Silva

**MODA E MATERNIDADE: O Ativismo político de
Zuzu Angel**

Florianópolis

2023

Nathalia Vieira da Silva

**MODA E MATERNIDADE: O Ativismo político de
Zuzu Angel**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do título de Bacharel e Licenciada em História.

Orientadora: Prof. Dr. Janine Gomes da Silva

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Nathalia

Moda e Maternidade: O ativismo político de Zuzu Angel /
Nathalia Silva ; orientador, Janine Silva, 2023.
79 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Graduação em História, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. maternidade. 3. moda. 4. política. 5.
ditadura militar. I. Silva, Janine . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e três, às catorze horas por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Janine Gomes da Silva, Orientadora e Presidente, pelo Professor Vanderlei Machado, Titular da Banca, e pela Professora Cristina Scheibe, Suplente, designados pela Portaria nº 41 /2023/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirmos o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Nathalia Vieira da Silva**, subordinado ao título: **"Moda e Maternidade: O ativismo político de Zuzu Angel"**. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora Janine Gomes da Silva a nota final 10,0, do Professor Vanderlei Machado a nota final 10,0 e da Professora Cristina Scheibe a nota final - ; sendo aprovada com a nota final 10,0. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia doze de dezembro de dois mil e vinte e três. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 05 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.a Janine da Silva Gomes



Documento assinado digitalmente

Janine Gomes da Silva

Data: 05/12/2023 23:22:08-0300

CPF: ***.959.989-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Vanderlei Machado



Documento assinado digitalmente

VANDERLEI MACHADO

Data: 06/12/2023 15:58:37-0300

Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Prof.a Cristina Scheibe

Candidata Nathalia Vieira da Silva



Documento assinado digitalmente

NATHALIA VIEIRA DA SILVA

Data: 06/12/2023 09:57:05-0300

CPF: ***.151.830-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Nathalia Vieira da Silva, matrícula n.º 19250285, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **Moda e Maternidade: o ativismo político de Zuzu Angel**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 11 de dezembro de 2023.



Documento assinado digitalmente
Janine Gomes da Silva
Data: 11/12/2023 22:15:52-0300
CPF: **959 989-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Orientador(a)

Dedico este trabalho a minha mãe,
Fátima de Cássia por toda a sua luta materna
para me criar.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente quero começar agradecendo a minha mãe, Fátima, a qual dedico este trabalho, uma mulher que apesar de todas as dificuldades sempre fez de tudo para que eu pudesse estudar. Obrigada mãe, por sua luta, seu amor e dedicação!

Agradeço também ao meu pai do coração Jerri Antônio, por todo amor dedicado a mim desde os meus 6 anos de idade. Obrigada pelo seu amor e ensinamentos. Ao meu irmão Afonso, obrigada pela parceria.

Agradeço imensamente também ao meu noivo Luka Mello, por todo o seu amor, sua parceria e companheirismo desde o início do curso. Sem você nada disso seria possível, obrigada por segurar na minha mão e dizer que tudo daria certo, pelo apoio emocional durante todos estes anos longe da minha família. Agradeço também a minha sogra Marcia pelo apoio prestado nestes anos, por me cuidar e me amar como sua filha. Seu amor e apoio foi essencial para que tudo isso fosse possível.

A Universidade Federal de Santa Catarina, agradeço aos professores maravilhosos que fazem parte do departamento de história. Aos secretários do curso, Milano Cavalcante e a Cristiane obrigada pela paciência e pelas dúvidas tiradas nestes quatro anos de curso. Agradeço imensamente a minha orientadora, professora Dr. Janine Gomes da Silva por toda a dedicação e orientação prestada durante a construção deste trabalho e, ao professor Vanderlei Machado agradeço a suas aulas de história no colégio de aplicação da UFRGS em 2016.

Por fim, agradeço imensamente a minha amiga e colega Isadora por ter sido a minha grande parceira em quase todas as disciplinas do curso, Isa obrigada pelas trocas e parceria. Aos meus amigos da UFSC, Ana Letícia e Leandro, muito obrigada pela amizade e companheirismo.

RESUMO

O presente trabalho busca como objetivo geral problematizar a maternidade e a moda de Zuzu Angel através de seu ativismo político na procura por seu filho Stuart Angel durante o período da Ditadura militar no Brasil (1964-1985). Esta pesquisa se propôs a compreender e contextualizar a com moda e a maternidade de Zuzu Angel para denunciar a da repressão no Brasil durante a Ditadura. Em um primeiro momento será contextualizado a história de Zuzu Angel como mãe, esposa e estilista, em seguida será contado toda a sua luta frente a Ditadura Militar após o desaparecimento de seu filho, como ela utilizou sua moda e maternidade para enfrentar a ditadura militar. Para isso, será utilizado trechos de seu diário pessoal descrevendo sua dor, fotografias da época e cartas denúncias. Por último, será relatado o legado deixado por Zuzu Angel através de sua moda e maternidade.

Palavras- chaves: maternidade; moda; ditadura-militar; dor; legado

ABSTRACT

The general objective of this work is to problematize Zuzu Angel's motherhood and fashion through her political activism in the search for her son Stuart Angel during the period of the military dictatorship in Brazil (1964-1985). This research aimed to understand and contextualize Zuzu Angel's fashion and motherhood to denounce repression in Brazil during the Dictatorship. Firstly, Zuzu Angel's story as a mother, wife and fashion designer will be contextualized, then her entire struggle against the Military Dictatorship after the disappearance of her son will be told, as well as how she used her fashion and motherhood to face the military dictatorship. For this, excerpts from his personal diary describing his pain, photographs from the time and letters of denunciation will be used. Finally, the legacy left by Zuzu Angel through her fashion and motherhood will be reported.

Keywords: maternity; fashion; military dictatorship; pain; legacy

Angélica¹

Composição: Chico Buarque e Milton

Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estribilho?

Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar

Quem é essa mulher
Que canta sempre esse lamento?

Só queria lembrar o tormento
Que fez o meu filho suspirar

Quem é essa mulher
Que canta sempre o mesmo arranjo?

Só queria agasalhar meu anjo
E deixar seu corpo descansar

Quem é essa mulher
Que canta como dobra um sino?

Queria cantar por meu menino
Que ele já não pode mais cantar

Quem é essa mulher
Que canta sempre esse estribilho?

Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar

¹ Música composta por Chico Buarque e Milton em 1977, em homenagem a Zuzu Angel, morta em 1976.

LISTA DE SIGLAS:

AI - Ato Institucional

AI-5 - Ato Institucional número 5

ALN - Ação Libertadora Nacional

CISA - Centro de Informações da aeronáutica

DOI-CODI - Destacamento de Operações de Informações-Centro de Operações de Defesa interna

DOPS - Departamento de Ordem Política e Social

FAB – Força aérea Brasileira

UDN – União democrática Nacional

VPR – Vanguarda Popular Revolucionária

CNV- Comissão Nacional da Verdade

IZA – Instituto Zuzu Angel

BASC- Base de Santa Cruz

USP – Universidade de São Paulo

CEMDP- Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos

DSI/MRE – Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores

SPFW- São Paulo Fashion Week

PUC- Pontifícia Universidade Católica

MR8 – Movimento Revolucionário de Oito de Outubro

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Normal Angel Jones e Zuzu Angel com os filhos.....	17
Figura 2- Zuzu Angel e seus três filhos.....	18
Figura 3- Vestido branco de renda com anjos.....	21
Figura 4- Carta enviada pela primeira-dama Sarah Kubitschek.....	23
Figura 5 - Logo e a polêmica frase de Zuzu Angel.....	27
Figura 6- Zuzu Angel e Yolanda Costa e Silva.....	29
Figura 7- Stuart Angel e Sonia Angel em seu casamento.....	30
Figura 8- Vestido feito por Zuzu Angel para seu desfile protesto.....	35
Figura 9- Bordado de anjo do desfile-protesto de Zuzu Angel.....	36
Figura 10- Conjunto Luto no encerramento do desfile protesto.....	37
Figura 11- Zuzu Angel e a sua passarinhada (1971)	38
Figura 12- A morte de Zuzu Angel.....	45
Figura 13 - Fachada do Instituto Zuzu Angel.....	50
Figura 14 - Primavera / Verão 2002 – “Quem matou Zuzu Angel?”	51
Figura 15 – Crânio encontrado pela Perícia.....	56
Figura 16- Coronel Perdigão no acidente de Zuzu Angel.....	58
Figura 17 – Chuva de sangue.....	60

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	“A MÃE CORAGEM” E SEU ATIVISMO POLÍTICO	18
2.1	QUEM FOI ZUZU ANGEL?	18
2.2	A MODA DE ZUZU ANGEL	20
2.3	CASAMENTO E MATERNIDADE DE ZUZU ANGEL	26
2.4	A DITADURA MILITAR	29
2.5	O DESFILE PROTESTO	35
2.6	A DOR DA PERDA	42
2.7	A MORTE ENCERRA SUA BUSCA	47
3	O LEGADO DE ZUZU ANGEL	50
3.1	INSTITUTO ZUZU ANGEL	51
3.2	SÃO PAULO FASHION WEEK – “QUEM MATOU ZUZU ANGEL?”	52
3.3	PROGRAMA LINHA DIRETA <i>JUSTIÇA</i> – CASO ZUZU ANGEL	53
3.4	O FILME ZUZU ANGEL	55
3.5	A COMISSÃO DA VERDADE	57
3.5.1	Caso Stuart Angel	57
3.5.2	Caso Zuzu Angel	59
3.6	O CENTENÁRIO DE ZUZU ANGEL	62
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66

1 INTRODUÇÃO

Quero começar destacando os motivos que me levaram a escolher este tema para pesquisa, pois sempre tive uma ‘veia investigativa’ muito forte, com grande interesse por histórias de mistérios da vida real. Em 27 de novembro de 2003, aos seis anos de idade, assisti pela Rede Globo, no programa Linha Direta - Justiça, o episódio “Zuzu Angel”, e me encantei pela força da história, da mãe e mulher Zuzu Angel, sem mesmo ainda entender o que sua luta representava. Quando li o livro “Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho” (1986) de Virginia Valli, consegui ter uma visão mais ampla, e em 2019, no primeiro ano do curso de história, tive uma certeza; meu Trabalho de Conclusão de Curso seria sobre Zuzu Angel. Sinto que escrever sobre Zuzu, é um ato de resistência e amor, uma maneira de homenagear uma mãe que até o fim da vida lutou por uma resposta à pergunta “Onde está o corpo do meu filho?”.

Zuleika de Souza Netto, mais conhecida como Zuzu Angel foi uma estilista mineira nascida na cidade de Curvelo em 1921, que além de mudar a forma como a moda brasileira da época era vista, também se utilizou desta, para fazer um movimento político frente à Ditadura Militar brasileira (1964-1985), na busca incansável pelo seu filho Stuart Edgar Angel Jones, militante político, que em 1971, aos 25 anos, desaparece na base aérea do Galeão.

Na busca por seu filho, Zuzu fez um desfile protesto para denunciar o seu desaparecimento. Além disso, Zuzu buscou a denunciar a morte do filho entregando uma carta de Alex Polari de Alvarenga para o governo americano. Nesta carta lhe havia dado a certeza de que seu filho estava morto. Até a sua morte em 1976, Zuzu buscava saber “onde está o corpo do meu filho?”, mas morreu sem essa resposta.

Em 2014, com a Comissão Nacional da Verdade², o Estado brasileiro reconheceu que a estilista, também foi uma das vítimas da Ditadura Militar brasileira.

No primeiro capítulo, nomeado “A mãe coragem e seu ativismo político” o primeiro item, “Quem foi Zuzu Angel?” busca contar quem era Zuzu Angel como mãe, esposa e estilista, principalmente a partir do livro de Virginia Valli “Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho” (1986).

² A Comissão Nacional da Verdade teve por finalidade apurar graves violações dos Direitos Humanos ocorridos entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988.

No segundo item ‘a moda de Zuzu Angel’, será retratada a história da moda. Para compreender seu processo histórico, utilizarei o artigo ‘A moda como história’ de Luciana Andrzejewski, o artigo a ‘Moda e comunicação’ de Malcolm Barnard. Além disso também será retratada a revolução que Zuzu Angel fez na moda Brasileira, ao utilizar em suas criações, materiais nunca usados, e de ser uma mulher ganhando destaque em uma época da moda brasileira, representada principalmente por homens.

A peça de roupa [...], é então o meio pelo qual uma pessoa manda uma mensagem a outra. É por meio da roupa que uma pessoa tenciona comunicar suas mensagens a outra. A mensagem, assim, é uma intenção da pessoa e é isso que é transmitido pela roupa no processo de comunicação. A mensagem é também, naturalmente, aquilo que é recebido pelo receptor (Barnard 2003, apud Medeiros 2020)

No terceiro item, ‘a maternidade de Zuzu Angel’, será retratado o conceito do desmontar histórico da maternidade, a partir dos livros de Elisabeth Badinter “O mito do amor materno” (1980) e “O conflito: a mulher e a mãe” (2011), e como Zuzu exerceu sua maternidade.

O amor materno não constitui um sentimento inerente à condição de mulher, ele não é um determinismo, mas algo que se adquire. Tal como o vemos hoje, é produto da evolução social desde princípios do século XIX, já que, como o exame dos dados históricos mostra, nos séculos XVII e XVIII o próprio conceito do amor da mãe aos filhos era outro: as crianças eram normalmente entregues, desde tenra idade, às amas, para que as criassem, e só voltavam ao lar depois dos cinco anos. Dessa maneira, como todos os sentimentos humanos, ele varia de acordo com as flutuações socioeconômicas da história. (Badinter,1980. P.2)

No quarto item, ‘a Ditadura Militar’ tratará do processo do golpe militar em 1964, o que isso representou para Zuzu Angel e como foi o processo de repressão, principalmente em 1969 com o AI-5. Para isso será utilizado o livro ‘O golpe de 1964’ de Flavio Tavares.

O quinto item, “o desfile protesto” irá compor sobre o desfile que Zuzu realizou com a coleção International Dateline Collection III em Nova York, para denúncia o desaparecimento de seu filho. Segundo Priscila Andrade, Zuzu Angel foi a primeira estilista/ pessoa a utilizar moda para protestar contra a política e foi a única naquele momento, no Brasil a utilizar este tipo de expressão com este objetivo. Serão apresentadas fotos deste desfile e a monografia “Memórias da dor e do luto: as indumentárias político-religiosas de Zuzu Angel” de Guilherme Simili e o artigo ‘Manifesto de Tecido: A moda de Zuzu Angel e a ditadura civil-militar’ de Rodrigo Medeiros, nesta parte será explicado como a estilista utilizou sua moda para se comunicar e denunciar o desaparecimento de seu filho. Após quatro anos de luta incansável por Stuart Angel, em 1975, Zuzu recebe uma carta do preso político Alex Polari, onde ele informa à estilista que seu filho foi torturado até a morte na base aérea do Galeão. “Venho por meio desta

reafirmar e confirmar o testemunho prestado e enviado a várias auditorias e órgãos ditos fiscalizadores dos direitos da pessoa humana e que diz respeito ao destino de Stuart Edgar Angel Jones no centro de tortura e assassinatos do CISA para onde foi levado preso” (Polari, 1975).

Para compreendermos o processo de luto vivido por Zuzu Angel, no sexto item, nomeado ‘a dor da perda’ utilizarei a monografia de Guilherme Simili. Além disso será utilizado o livro ‘Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho’ de Virginia Valli que consta com algumas passagens do diário pessoal de Zuzu e o depoimento de algumas pessoas como sua filha a jornalista Hildegard Angel, e o jornalista Zuenir Ventura.

O último e sétimo item, nomeado ‘a morte de Zuzu Angel’, tratará da morte de Zuzu Angel em 1976 no Rio de Janeiro, utilizando o livro ‘Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho’ de Virginia Valli (1986), relatando principalmente as passagens descritas por sua filha Ana Cristina Angel. Além disso, citará a música ‘Angélica’, escrita por Chico Buarque e Milton Nascimento em 1976, em homenagem a Zuzu Angel.

No segundo capítulo nomeado O legado de Zuzu Angel, será descrito o legado deixado por ela, e todas as homenagens prestadas a ela até hoje, como o Instituto Zuzu Angel, fundado em 1993 por sua família no Rio de Janeiro, a coleção do estilista Ronaldo Fraga 2001/2002, no São Paulo Fashion Week, que apresentou o tema “Quem matou Zuzu Angel?” e destacou a trajetória da estilista, a exibição do programa linha direta Justiça da Rede Globo, apresentando o Caso Zuzu Angel em 2003. Além do lançamento do filme “Zuzu Angel” de Sérgio Rezende em 2006. No ano de 2014, temos a Comissão Nacional da Verdade (CNV) retratando a morte de Zuzu e Stuart Angel.

Neste capítulo, o primeiro item, trata do ‘Instituto Zuzu Angel’ e sua fundação em 1993. Será utilizado o vídeo do acervo documental da estilista, explicado por Simone Costa (2021), segundo o site do instituto, seu objetivo principal é manter viva a memória de Zuzu Angel e de outras vítimas da ditadura militar, bem como promover a conscientização sobre os abusos de direitos humanos que ocorreram durante esse período.

O segundo item, ‘São Paulo Fashion Week – “Quem matou Zuzu Angel?”’ fala sobre a coleção do estilista Ronaldo Fraga do São Paulo Fashion Week “Expressões do imaginário na moda brasileira: um estudo dos processos de criação do estilista Ronaldo Fraga” de Grazyella Aguiar e Cristina Oliveira.

O terceiro item, disserta sobre o programa linha direta da rede globo, que retratou o caso Zuzu Angel em novembro de 2003. Para isso foram utilizados relatos do acervo da rede globo.

O quarto item fala a respeito do filme Zuzu Angel de 2006, dirigido pelo diretor Sérgio Rezende a partir do artigo de Lauren Steffen ‘Zuzu Angel, o filme’.

O quinto item, nomeado ‘A Comissão da Verdade’ será dividido em duas partes ‘O caso Zuzu Angel’ e ‘o caso Stuart Angel’ no qual serão utilizados documentos, entrevistas, relatórios e o caso completo tratado na Comissão Nacional da Verdade em 2014.

Se fosse viva em 2021, Zuzu Angel completaria 100 anos de vida, e este último item, nomeado ‘o centenário de Zuzu Angel’, falará a respeito da homenagem neste ano de centenário que o estilista Ronaldo Fraga, o mesmo estilista que realizou o desfile ‘Quem matou Zuzu Angel?’ em 2001, fez à ela através do fashion filme. Para isso foi usado o artigo “Zuzu Vive!”: uma análise do discurso do fashion filme de Ronaldo Fraga de Marianna Pires e Georgius Essweins.

Diante disso, esse trabalho terá como objetivo geral, problematizar como Zuzu Angel utilizou da moda e da maternidade em seu ativismo político na busca pelo seu filho capturado e morto pela ditadura militar. Como objetivos específicos buscarei analisar como Zuzu Angel utilizou da moda como ativismo político; compreender e contextualizar como a moda e a maternidade foram utilizadas por Zuzu Angel para denunciar a repressão no Brasil durante a Ditadura Militar. e artifícios da repressão no Brasil e contextualizar a maternidade de Zuzu Angel e a busca pelo seu filho frente ao governo militar.

2 “A MÃE CORAGEM” E SEU ATIVISMO POLÍTICO

2.1 QUEM FOI ZUZU ANGEL?

De acordo com o livro “Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho” (1986). Zuleika de Souza Netto, mais conhecida como Zuzu Angel nasceu em Curvelo, no interior de Minas Gerais, no dia 5 de junho de 1921.

Na infância, sua família se mudou para Belo Horizonte – MG, onde Zuzu começou a ajudar a família com as despesas de casa, auxiliando sua mãe a costurar para fora. Também utilizava retalhos que sobravam das costuras para criar pequenos modelos para suas amigas e primas, já demonstrando sua aptidão para aquela que seria sua profissão. Um tempo depois ela e sua família se mudam para Salvador -BA, onde Zuzu passou sua adolescência e parte da sua juventude. De acordo com Pereira ‘A forte cultura afro-brasileira’ em Salvador, influenciou grandemente os estilos de suas primeiras criações. No ano de 1939 Zuzu resolve ir morar sozinha no Rio de Janeiro em busca de sua independência financeira e reconhecimento profissional. No Rio de Janeiro começou a trabalhar por conta própria na área da costura até que conseguisse um trabalho registrado, conseguindo trabalhar como estilista só nos anos de 1950, quando começou a desenhar modelos e costurá-los. Com o tempo Zuzu foi criando a sua própria clientela de pessoas bem-sucedidas, com isso teve a oportunidade de expandir seus negócios e começou a realizar desfiles de moda nos EUA entre os anos de 1960 e 1970. Nestes desfiles abordou as grandes riquezas da cultura brasileira, fazendo um grande sucesso na moda daquela época.

No ano de 1940, ela conheceu o americano Norman Angel Jones, quando visitava a casa de seus pais em Belo Horizonte. Norman estava no Brasil a serviço do governo dos EUA para negociar cristais e rochas. Eles se casam em 1943 e ela voltou a viver em Belo Horizonte. Após um tempo ela e o marido vão viver em Salvador, onde em 1947 dão à luz a seu primeiro filho Stuart Edgar Angel Jones. No ano seguinte se mudam para o Rio de Janeiro. Em 1949 nasceu sua filha Hildegard Angel Jones e em 1952 tiveram a caçula Ana Cristina Angel Jones.

Figura 1 – Norman Angel Jones e Zuzu Angel com os filhos (década de 1950).



Fonte: Acervo Digital Zuzu Angel.

A autora Badinter (2011) apresenta um questionamento sobre o pensamento que inventou o ideal da realização da mulher na maternidade. Assim, a autora debate sobre o mito de que toda mulher tem o instinto natural para ser mãe. Badinter debate que estamos submersos em um grande mito.

De acordo com Renato Pinto Venâncio (2002) e Badinter (2011) ao explicarmos o que se atravessa a história das atitudes maternas, nasce a ideia de que o instinto materno é um mito. Assim, descreve Venâncio (2002): “não se encontra nenhuma conduta universal e necessária para ser mãe, mas ao contrário, constata-se a extrema variabilidade dos sentimentos maternos, segundo a cultura, ambições ou frustrações da mulher” (Venâncio, 2002. P.195). De acordo com Badinter:

Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres, é adicional. (BADINTER, 2011, p.367)

Figura 2– Zuzu Angel e seus três filhos (década de 1960).



Fonte: Acervo Digital Zuzu Angel

Em relação a criação de seus filhos, Zuzu prezava por princípios fundamentais como a honestidade e a justiça, sendo muito rígida com seus filhos em questões como a educação. Segundo sua filha, apesar dessa rigidez, Zuzu era muito amorosa com seus filhos.

[...] Mamãe sempre foi assim, reagia rapidamente, se porventura, alguém desmerecesse qualquer filho seu. Jamais me lembro de ela ter tomado partido dos professores nos colégios se, por acaso, eles se queixassem de nós injustamente. E ela poderia ter certeza de que não estávamos mentindo. Pois a honestidade foi a marca da educação que ela nos deu. Jamais me lembro de qualquer um de nós três mentindo para ela. Mesmo em coisas tolas sempre houve muita sinceridade entre nós. (Valli, 1986, *apud* Angel, 1986, p 18 e 19)

Hindegard Angel ainda relata que além do enorme amor que Zuzu tinha pelos filhos, também buscava lhes dar a melhor educação. Os três filhos, graças ao empenho profissional de Zuzu, estudavam nas melhores escolas, faziam curso de tudo que quisessem. “A gente praticava esporte, Stuart fazia tênis, natação, capoeira, levantamento de peso (ele queria ficar musculoso, tinha está preocupação quando adolescente), depois remo.” (Valli, 1986, *apud* Angel, 1986, p. 20). O dinheiro que Zuzu ganhava com muito suor nos seu trabalho era integralmente empregado na educação de seus filhos e ao seu próprio negócio.

2.2 A MODA DE ZUZU ANGEL

De acordo com Andrzejewsk quando falamos de moda, não necessariamente estamos falando só de roupa. Podemos tratar a moda sem mencionar uma peça específica em descrevê-la ou falar sobre o tecido. A moda, em seu sentido geral é o reconhecimento de uma nova

postura, de um comportamento ou de uma nova identidade. As roupas, portanto, são partes diferentes de um único objeto: enquanto a roupa se inscreve nas preocupações da sobrevivência, a moda é uma construção, um propósito da modernidade.

Portanto, podemos pensar que as considerações da moda ocorrem pelo seu processo histórico, ou seja, materiais, cores, formas, regras sociais, religião e culturas de um determinado tempo.

Por exemplo: para os egípcios, o branco representava pureza – quanto melhor o linho maior seria o reflexo da luz do sol (considerado um deus) –, e a cor vermelha, para os romanos demonstrava poder e prestígio social. O que deduzimos dessa informação é que os sentidos podem permanecer ou assumir outras possibilidades em cada cultura ou em cada tempo. As roupas da antiguidade e as de atualmente trazem as influências da racionalidade e do espírito da época que representam, e os materiais trazidos de diversas regiões introduzem cores nas roupas e novos processos de produção, gerando, assim, novos sentidos para as mesmas finalidades. (Andrzejewsk, 2012.p.2)

A partir do século XIX, a moda começou a ser gradualmente reinventada na Europa. A sociedade, começava a se constituir e a cidade adquiria um novo sentido para o desenvolvimento da produção e da dominação social. “Como podemos perceber, a moda não é uma decisão ou intervenção tomada por indivíduos ou grupos. Ela é uma construção, uma interferência objetiva e estimulada no mundo social e comportamental, uma intervenção externa e intencional valorizada na perspectiva sobre o passado, empenhada em superá-lo, e que remete a uma interpretação do presente e do futuro.” (Andrzejewsk, 2012.p.3)

O período conhecido como “Belle Époque”, na gestão do prefeito Pereira Passos da então capital do Brasil, Rio de Janeiro, a valorização da cidade, seus aspectos arquitetônicos e a vida urbana tinham um objetivo, a “homogeneização”. Nesta época, a moda trouxe mudanças nos indivíduos e nos grupos e nos comportamentos sociais. Enquanto as reformas garantiam a continuidade dos interesses e modelos relacionais e o fortalecimento do Estado e das instituições no controle.

Portanto, a moda, que engloba o estilo de vestimenta e o comportamento, desempenha um papel fundamental na manifestação de poder, status e comunicação. Ela estabelece uma conexão direta com a noção de novidade, facilitando o reconhecimento de indivíduos e grupos sociais distintos. Como uma forma de linguagem, a moda influencia as relações, as expectativas e o comportamento, exercendo influência em como as pessoas se veem e se expressam. Nesse sentido, podemos afirmar que a moda desempenha um papel crucial na história, servindo como

uma linguagem essencial e significativa que traduz as expectativas e as disputas fundamentais para a existência tanto do indivíduo quanto do grupo social.

De acordo com Helen Moraes Pereira (2022), na virada dos anos 1950 para 1960 a moda vigente na Europa não era nem um pouco diversificada, as silhuetas eram dominantes, saias rodadas, cinturas finas e bem-marcadas e os corpetes super ajustados no corpo, uma herança deixada do New Look de Cristian Dior lançada a mais de 10 anos, além disso a moda era considerada muito padronizada. Já no Brasil, a moda era dominada por homens, basicamente pelos estilistas Denes Pamplona de Abreu e Clodovil Hernandes que vestiam as mulheres mais importantes do Brasil como as cantoras Elis Regina e Maisa.

Segundo entrevista dada em 2001, Hildegard afirmou que em sua opinião, sua mãe era uma inovadora. Uma mulher muito corajosa que em meio a um panorama machista em que mulheres eram apenas pobres costureiras, ousou ser uma figurinista, estilista de um cenário, até então, exclusivamente masculino.

Zuzu combateu o preconceito, a condenação à mulher e, principalmente, condenou a moda colonizada. Ela saiu do estereótipo de que estilista bom era aquele que copiava bem. Ela passou a criar sem copiar, levando brasilidade as suas peças. E foi isso que a fez ser reconhecida aqui no Brasil e no exterior. (Coelho, 2010.p.29)

Figura 3- Vestido branco de renda com anjos (década de 1950).



Fonte: Acervo Digital Zuzu Angel

Segundo João Braga (2009), o conceito de moda surge justamente na transição da Idade Média para a Moderna, na Europa e, mais nitidamente, no território hoje correspondente à França, em um contexto histórico que envolvia grandes transformações econômicas, sociais e políticas. Neste período, há um retorno do poderio dos reis e da Corte que os circundava e da qual faziam parte, assim como ocorre a ascensão da classe burguesa que se destacava com o renascimento comercial. Contudo, a burguesia local almejava o mesmo poder político e o destaque social da Corte de Borgonha (no atual território francês) e uma de suas estratégias incluía fazer cópias das vestes utilizadas pelos nobres. Estes, por conseguinte, criavam vestimentas. Estava aí explícito o caráter de estratificação social da indumentária e, acima de tudo, emergia a característica da mutabilidade constante, um princípio típico do que pode ser entendido como moda ou do conceito de moda.

Moda, portanto, se associa a uma maneira de se paramentar, de se representar e se apresentar aos outros em uma determinada época e lugar. Hoje a moda se destaca internacional e nacionalmente. Com desfiles que, a cada estação, lançam as novas tendências, estampas e tecidos recomendados. Profissionais da moda, as revistas de moda etc. Contudo, nem sempre

foi assim. Foi em meados do século XIX que o inglês Charles Worth abriu a sua *maison*³ onde atendia a rica classe social inglesa que vestia sua alta-costura. Este criador de moda define a existência de duas temporadas anuais, propondo novidades a cada estação, fato recorrente na contemporaneidade (Palomino, 2003, *apud* Lacerda).

A chamada alta-costura⁴, atribuída ao público de alto poder aquisitivo teve seu auge nos anos de 1950. No início dos anos de 1960 surgiu na Europa, as chamadas *prêt-à-porter*⁵, que se designa ao que está pronto para uso ou para vestir-se. Esse estilo era o defendido por Zuzu Angel. Ela queria um *prêt-à-porter* nacional com uma “identidade local” e foi assim que criou a sua identidade.

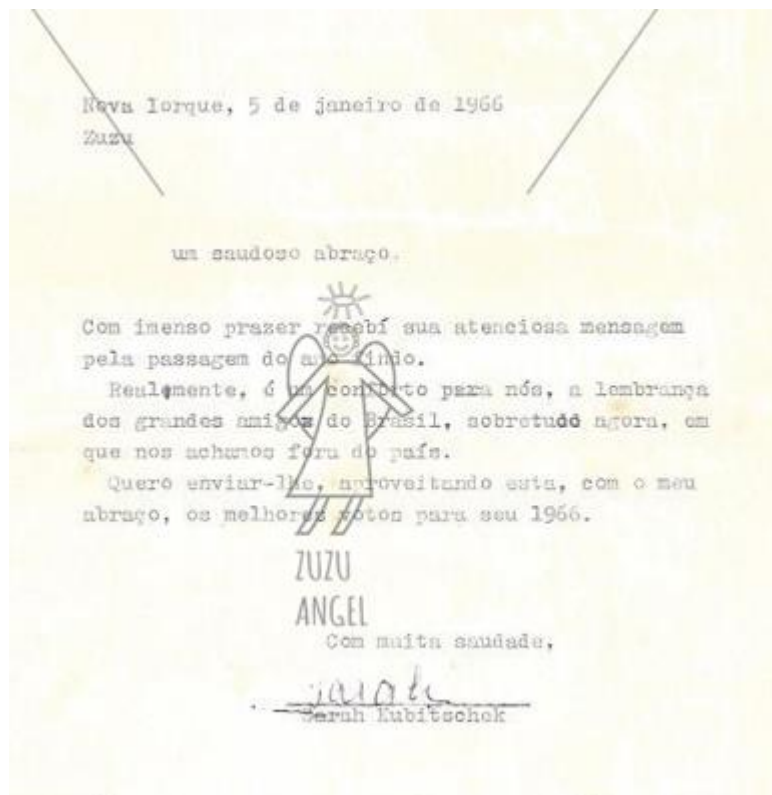
De acordo com Hildegard Angel, em entrevista ao Itaú Cultural em 2014, a primeira peça que Zuzu Angel criou em sua nova fase após a maternidade foi uma saia de pano de colchão, pois ali Zuzu conseguiu uma matéria prima totalmente inovadora que poderia ser rosa, verde ou bege com vários pássaros, a peça fez um grande sucesso na época e a partir disso Zuzu abriu uma oficina em casa chamada “Zuzu Saias”. Os primeiros grandes saltos que Zuzu Angel deu em sua carreira de costureira, foi quando conheceu Sarah Kubitschek, a então esposa do presidente eleito do Brasil, Juscelino Kubitschek em 1956, que se mudavam de Minas Gerais para o palácio do catete no Rio de Janeiro, nesta comitiva de mudança estava a tia de Zuzu Angel.

³ Maison é uma palavra do idioma francês, que em português pode significar casa, residência ou lar. Também pode ser utilizada para estabelecimentos comerciais de prestígio

⁴ A Alta costura é considerada uma moda exclusiva, se refere a uma criação feita sob medida de modelos exclusivos.

⁵ *prêt-à-porter* expressão do idioma francês que na tradução para o português significa pronto para vestir

Figura 4 - Carta enviada pela primeira-dama Sarah Kubitschek pela passam do ano em 1966.



Fonte: Acervo Digital Zuzu Angel

A então primeira-dama Sarah Kubitschek fundou o programa “pioneiras sociais”, onde um grupo de mulheres se reunia para confeccionar roupas para crianças carentes, assim a tia de Zuzu, que participava do comitê da primeira-dama, a convidou para participar deste programa, alegando que isso seria muito importante para a carreira de Zuzu Angel. Com o passar do tempo Zuzu Angel passa a costurar para Sarah Kubitschek e suas duas filhas.

2.3 O CASAMENTO E A MATERNIDADE DE ZUZU ANGEL

No ano de 1960 devido a diversas diferenças, Zuzu e Norman resolvem se separar, mas ela continuou a utilizar o sobrenome de casada ‘Angel’. Após o divórcio, Zuzu se muda para uma casa maior com os filhos onde monta um grande ateliê no Rio de Janeiro. Com o tempo, os desfiles de Zuzu Angel passam a ser os mais comentados da sociedade do Rio de Janeiro, em suas criações, Zuzu utilizava materiais como seda, renda, chita, muitas cores e estampas regionais, elementos que eram totalmente desvalorizados pelos estilistas brasileiros da época. Mas com Zuzu Angel, este cenário mudou e ela passou a fazer muito sucesso e sua marca passou a ter repercussão internacional.

Vale ressaltar que Zuzu Angel era uma mulher que vivia a frente do seu tempo, uma mulher divorciada e dona de sua própria marca. De acordo com Silva (2016) foi somente em 1962 que foi aprovada no Brasil a lei nº4.212/1962 ⁶onde mulheres casadas não precisavam mais de autorização do marido para trabalhar, ainda ficava previsto o direito à herança e um pedido da guarda dos filhos em caso de separação, no mesmo ano ocorreu a liberação dos anticoncepcionais femininos, um grande marco para autonomia da mulher. “Uma mulher “feliz consigo mesma”, ideia que ganhava corpo naqueles anos e que formatava um novo modelo de maternidade, qual seja, “só uma mulher realizada” pode “ser boa mãe”. (Pinsky, 2012, *apud* Simili).

Durante este mesmo período de ascensão da autonomia das mulheres no Brasil, o país enfrentava momentos turbulentos no cenário político, com o governo de Jânio Quadros e posteriormente de João Goulart, culminando na instauração de um golpe militar em 1964.

O feminismo no Brasil, caracterizado como de “segunda onda”, surge na década de 1970, em meio ao período mais turbulento da ditadura militar, relevando a participação de mulheres que passaram pelo exílio. De acordo com Elizabeth Cardoso (2004):

Com os “anos de chumbo” da ditadura militar, várias mulheres brasileiras seguiram para o exílio e uma vez fora do Brasil elas fundaram grupos feministas no exterior. Quatro deles ganharam destaque: o Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior,

⁶ Lei de 27 de agosto de 1962. Onde a lei previa que as mulheres não precisavam mais de autorização do marido para trabalhar fora. Fonte: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4121-27-agosto-1962-353846-publicacaooriginal-1-pl.html>>

criado por Zuleika Alembert, no Chile, durante os dois primeiros anos da década de 1970; grupo de autoconsciência, fundado por Branca Moreira Alves, em Berkeley, Estados Unidos, no início dos anos 70; o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, fundado em abril de 1976, por um grupo de mulheres brasileiras, e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris, fundado por Danda Prado, na França, em 1972 (Cardoso, 2004. P. 61)

De acordo com Joana Maria Pedro, a prática dos grupos de reflexão era vista como luta por algumas áreas da esquerda, que se empenhavam em outras frentes de luta e consideravam inúteis tais discussões, “assim, as lutas envolvendo sexualidade e autonomia do corpo “eram consideradas “ideias específicas”, e, portanto, divisionistas da luta geral que consideravam ter prioridade: pela democratização, pela anistia, pelo socialismo” (Pedro, 2018)

Desta forma, nos anos de 1970 foi registrado uma série de conquistas relacionadas a participação das mulheres no meio social e ao envolvimento com as reivindicações e causas feministas.

“Estes movimentos reconhecem a necessidade das mulheres se fazerem ouvir, apostando em um discurso de contrainformação que assumiu, em alguns momentos, o duplo papel de denunciar e de mobilizar as mulheres na defesa dos seus direitos” (Woitowicz e Pedro, 2009.p.4). Durante o período da ditadura militar brasileira, quando a imprensa atuou como uma importante aliada para a conscientização de diferentes setores da sociedade, surgem as publicações do movimento feminista, que debatiam assuntos do movimento como: trabalho feminino, liberdade sexual, participação na política, igualdade nos direitos, aborto entre outros.

Desta forma, os conhecimentos dos grupos feministas e de mulheres indicavam cada vez mais para necessidade de criar um discurso próprio, capaz de realizar questionamentos e promover mudanças.

Para Badinter (2011), com o começo do movimento feminista, na metade do século XX, a maternidade passou a assumir uma dimensão reflexiva e ser analisada pensando nas condições econômicas, sociais e culturais das mulheres e do casal. Ainda para a autora, na década de 1970, o movimento feminista incisivo e atuante, aliou a luta da liberdade e igualdade de gênero com a maternidade fora do centro do destino feminino. Segundo Badinter, para as mulheres militantes do feminismo foi a partir deste movimento que as mulheres começaram a poder efetivamente priorizar seus desejos pessoais ao invés de escolherem uma vida com os filhos.

Antes do movimento feminista, podemos perceber a existência do mito do amor materno, que foi gravado na memória familiar dos indivíduos e transmitido entre as gerações como uma crença a partir do fim do século XVIII, atuando como organizador da sociedade,

através da crença no amor materno como estabelecimento de regras de comportamento, que interessavam aos Estados e apoiado com discursos médicos e religiosos, relacionado às mulheres mães.

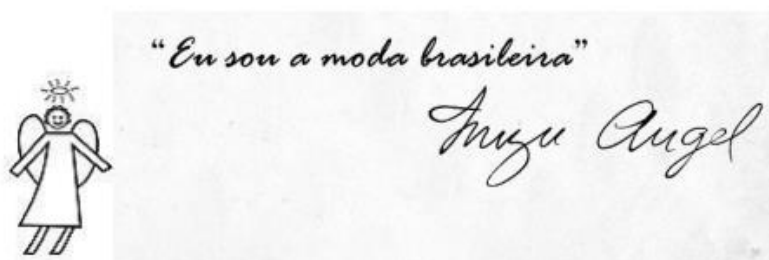
Desta forma, Badinter (2011, p.31) afirma: “é como se a criança não fosse mais a prioridade das prioridades”. Para a autora, as mulheres querem primeiramente garantir a sua independência financeira, por meio de estudos para depois conseguirem um trabalho gratificante, e só então viria o lugar dos filhos. Podemos considerar Zuzu Angel como uma exceção no pensamento de Badinter, visto que ela primeiramente teve seus três filhos a partir de 1949, quando nasce o primogênito Stuart, mas somente consegue um emprego registrado no início dos anos 1950. E posteriormente sua prioridade era o cuidado dos seus filhos e o seu ateliê.

Segundo as autoras Moreira e Rasera (2010, p.535) ao descreverem-se os diversos discursos relacionados à maternidade há o problema claro de se pensar a maternidade e a mulher como eventos únicos. Para estas autoras, “ao regular a sociedade a partir de uma única descrição de maternidade cria-se a expectativa de um modelo a ser seguido firmemente demarcado”. Nesta mesma linha de pensamento, Badinter (2011, p.20) descreve que as relações descritas sobre a maternidade ao longo dos anos, não levam em conta que existem “tantas mulheres quantos desejos. “Verifica-se que há nós paradoxais entre os repertórios discursivos da maternidade e a forma como cada mulher vivencia este processo (Resende, 2017 p.189). Desta forma, podemos considerar que há uma inquietação entre o meio social, histórico e cultural e a vivência subjetiva de cada mulher a respeito da maternidade.

A partir da metade do século XX, a moda passou a estar em constante mudança, assim, o universo da moda passou a se propagar cada vez mais, fazendo parte do cotidiano de grande parcela da população mundial. Esta moda, propagada com grande influência europeia, começou a interferir fortemente no que era criado no Brasil. Desta forma Zuzu Angel sempre tentava buscar uma moda tipicamente brasileira, desenvolvendo sempre aspectos da cultura brasileira como a fauna, a flora do país, as baianas e o cangaço, buscando sempre criar vestimentas que tivesse uma identidade brasileira.

Zuzu Angel é um nome que se está impondo no campo da moda carioca, com criações da alta costura cheias de bossa e requinte, tanto no que se refere à criação como a execução. É justamente o que faltava por aqui, pois sempre as mulheres nesse ramo se limitavam a copiar os grandes costureiros internacionais, deixando os louros da profissão para os homens (Jornal do Brasil, 7 de agosto de 1966, p. 42, *apud* Medeiros, 2020)

Figura 5 - Logo e a polêmica frase de Zuzu Angel (década de 1960)



Fonte: Itaú Cultural

Deste modo, é possível perceber que Zuzu Angel foi uma das pioneiras do movimento de confecção de uma moda brasileira onde, a partir de sua coleção, apresentava um Brasil com cores e vida. Trouxe para si uma grande repercussão positiva, rebatendo o cenário político pelo qual passava o país desde 1964 com o golpe militar. Contudo, a circunstância pelo qual o Brasil passava induziu ainda mais Zuzu em suas criações, trazendo para seus modelos uma moda com aspectos mais políticos que iria interferir diretamente na sua vida pessoal e profissional.

2.4 A DITADURA MILITAR

O período em que João Goulart foi presidente apresentou uma intensa abertura sobre discussões públicas a respeito de mudanças no país. No dia 31 de março de 1964, o então presidente João Goulart foi deposto por um golpe civil-militar. O golpe foi comemorado por diversos setores da classe média que, naquele momento, pediam por intervenção militar. A imprensa, empresários e até mesmo parte da igreja católica celebraram o ocorrido. Além disso o governo dos Estados Unidos, que não concordava com as políticas de Jango também apoiou a iniciativa dos militares.

Iniciava então no Brasil a ditadura militar que duraria 21 anos, com uma sequência de repressões, vigilâncias, torturas e com diversos atos institucionais decretados com iniciativas arbitrárias. “atos estes, que foram instaurados para que "legalmente" a repressão e a violência fossem inseridas na sociedade de forma velada; inúmeras pessoas foram presas, exiladas e assassinadas” (Pereira,2022. P.25)

Em relação ao campo artístico-cultural, Marcos Napolitano (2008) descreve que o golpe militar de 1964 “concentrou-se em vigiar e controlar o espaço público, regido por uma lógica de desmobilização política da sociedade como garantia da ‘paz social’. Especialmente, “a esfera da cultura era vista com suspeição a priori, meio onde os “comunistas” e “subversivos” estariam particularmente infiltrados”, transformando o campo cultural em alvo da vigilância.

Os esquemas de controle, punições e vigilância abrangiam todos os setores da comunicação, como a televisão, a imprensa e o cinema. No meio deste controle, havia duas construções de ‘imagens’ de jovens, a do subversivo terrorista e a do drogado. “A primeira era apresentada com conotações de grande periculosidade e violência, visto ser uma ameaça política à ordem vigente; deveria ser identificada, controlada e se necessário exterminada”. Com relação à segunda “a do drogado, o aspecto da doença já estava dado, visto ser um moralmente nocivo, com hábitos e costumes desviantes”. (Coimbra, 2008, p. 112-113, *apud Simili*).

As táticas de violência desenvolvidas pelo regime militar para identificar, prender, torturar e matar os jovens foram se sofisticando. Em 1964, foi criado o Sistema Nacional de Informação; entre 1967 e 1970, foram estruturados os Centros de Informação do Exército e as Forças Unificadoras Brasileiras, que receberam financiamentos públicos e privados: os DOI-CODI’s (Destacamento de Operações e Informações/ Centro de Operações e Defesa Interna), espalhados pelo território nacional (Coimbra, 2008, p.114, *apud Simili*).

Durante o período da ditadura militar Stuart Angel que era estudante de economia na UFRJ, tornou-se membro do MR8 (Movimento Revolucionário de 8 de outubro⁷), participando da luta armada contra a ditadura militar. Entre as décadas de 1960 a 1970 Stuart passou a liderar a organização política MR8 criada em 08 de outubro de 1966, no qual utilizava o codinome “Paulo” ou “Henrique”.

[...] Foi uma organização de guerrilha urbana e resistência armada que atuou no Brasil durante o período da ditadura militar, que durou de 1964 a 1985. O nome "8 de outubro" faz referência à data de fundação do grupo, que ocorreu em 8 de outubro de 1967 [...] O grupo tinha como objetivo principal a derrubada do regime e a instauração de um governo socialista no país. Eles acreditavam na luta armada como o meio necessário para alcançar esses objetivos (Skykis, 1994)

⁷ Movimento Revolucionário 8 de outubro foi um grupo armado que visava a derrubada da ditadura militar de 1964 e implantação do socialismo no Brasil. Fonte: <https://documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2015/11/dissertacao-thomaz-versao-final-com-ficha-catalografica.pdf>

De acordo com o jornalista Domingues Meireles (2003), em 1967 mesmo sem concordar com a militância do filho, Zuzu Angel resolveu se aproximar da 1ª dama Yolanda Costa e Silva, esposa do então presidente Artur Costa e Silva, Zuzu queria de alguma forma tentar proteger seu filho. Em entrevista, Hildegard Angel (2003) diz que sua mãe acreditava que tendo uma amizade no meio militar ela poderia preservar seu filho.

Figura 6 – Zuzu Angel e Yolanda Costa e Silva (04/08/1967).



Fonte: Acervo Digital Zuzu Angel.

Em agosto de 1968, Stuart casa-se com sua namorada Sonia Maria Lopes de Moraes. Sonia, nasceu no dia 9 de novembro de 1946, em Santiago do Boqueirão, estado do Rio Grande do Sul, ela era uma professora integrante da ALN (Ação libertadora Nacional), ⁸na luta armada Sonia utilizava o codinome “Esmeralda Siqueira Aguiar”. Após somente 2 meses de casamento, os militares decretam o AI-5⁹.

⁸ Ação libertadora Nacional, foi fundada por Carlos Maringuella e Joaquim Câmara em 1967 a partir de um desentendimento com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Fonte: < <https://www.documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2015/11/dissertacao-thomaz-versao-final-com-ficha-catalografica.pdf>>

⁹ Ato Institucional nº5 foi decretado no dia 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Arthur da Costa e Silva. Considerado o momento mais “sombrio” da Ditadura Militar. O AI-5 fechou o congresso Nacional e proíbe qualquer tipo de manifestação contra o governo. Fonte: < <https://www.documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2015/11/dissertacao-thomaz-versao-final-com-ficha-catalografica.pdf>>

Figura 7- Stuart Angel e Sonia Angel em seu casamento (agosto de 1968)



Fonte: Sumidoiro's Blog

O casamento ia durar pouco, não por culpa dos dois, mas da política. Com aquela loucura da Sônia de sair para rua distribuir os tais panfletos, ela acabou presa. Stuart teve que entrar para a clandestinidade, a pior coisa que poderia me acontecer, com grande sofrimento para todos nós, sem ter notícias dele senão raramente, quando telefonava pedindo alguma coisa. (Trecho do diário de Zuzu Angel, *apud* Valli)

De acordo com Pedro Dallari (2019), os atos institucionais foram medidas instauradas pelos militares que governavam o Brasil a partir de 1964, buscavam impor suas vontades na condução das vidas brasileiras. O AI-1 em 1964 tinha o objetivo de retirar as garantias estabelecidas na constituição de 1946 que vigorava naquele momento. Os seguintes Atos Institucionais, 2, 3 e 4 tinham o mesmo objetivo. O AI-2 acabou com a eleição direta para presidente da república e a partir disso homologou a eleição de militares até a redemocratização do Brasil em 1985. O AI-4 de 1966 convocou o congresso nacional para fazer uma nova constituição, que foi realizada em 1967 com bem menos direitos para a população já que o país estava sobre o domínio militar. Em 13 de dezembro de 1968 foi declarado o AI-5 que suspendeu o habeas corpus, deu-se a cassação indiscriminada de mandatos, fechou o congresso nacional e um de seus muitos efeitos foi a tortura e a execução de opositores do regime militar.

A partir disso, pode-se dizer que com o AI-5 tivemos a anulação da democracia. Com uma perseguição enorme contra a Universidade onde estudantes e professores foram presos, torturados e mortos devido a se opor ao governo.

A partir da instituição do AI-5 até 1974, é considerado pela historiografia o momento de maior violência e repressão no país. Entre os anos de 1974 e 1976 é considerado um período

em que diversas famílias, especificamente as mães de presos e desaparecidos políticos atuavam isoladamente, denunciando os crimes da repressão.

Com medo de serem pegos pelo governo, Stuart e Sonia entram na clandestinidade. Em 1970, Sonia exila-se em Paris. “A minha esperança de que Stuart a acompanhasse não se confirmou. Ele não queria arredar o pé dali. Não poderia deixar os companheiros depois que todos estavam morrendo na tortura” (Trecho do diário de Zuzu Angel, *apud* Valli)

Com o aumento da repressão, muitos grupos e movimentos de esquerda radicalizaram-se contra os militares, pois viram na guerrilha uma forma de destruir o governo militar. Assim, alguns grupos como Ação Libertadora Nacional (ALN) e o Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8) tomaram forças e ganharam novos membros, membros estes que eram constituídos boa parte por estudantes universitários. Desta forma para acabar com o governo militar, Stuart adere a luta armada, ele participa de assaltos a fim de financiar seu grupo contra a ditadura militar. Em 1970, durante um assalto a banco, Stuart foi baleado socorrido pelos amigos e foi operado clandestinamente. Nesta época Zuzu Angel sofria muito, ela quase não via mais seu filho.

Um dia eu levei o maior susto quando me avisaram que ele estava praticamente paralisado com problemas na espinha. Foi operado clandestinamente no Hospital Silvestre e o neurocirurgião Dr. Felício Pinto que acabou também sendo vítima por que esteve preso meses para dar explicações sobre a cirurgia (Trecho do diário de Zuzu Angel, *apud* Valli)

Assim, em maio 1971 devido a sua militância, Stuart Angel é perseguido e desaparece, fazendo com que Zuzu Angel começasse uma verdadeira batalha para encontrar seu filho. Em um primeiro momento Zuzu, buscou a justiça para tentar solucionar o caso de seu filho, porém não obteve nenhum resultado.

Em seu diário Zuzu descreve que quando tentava descobrir o paradeiro de Stuart ficou sabendo, pela mulher de um almirante, que talvez ele tivesse sido preso com Maria Clara Mariani que também havia sido mandada para o Galeão. Que caiu nas garras do brigadeiro Burnier¹⁰, segundo Zuzu Angel o brigadeiro João Paulo Moreira Burnier foi perdoado e

¹⁰ Foi um militar brasileiro, brigadeiro das Forças Aérea Brasileira (FAB). Chefiou o Centro de Informações Aeronáuticas até 1971. Fonte: Júnior, Amarílio Ferreira. Tortura no Contexto do Regime Militar.

anistiado na revolta de Aragarças, com outros oficiais da aeronáutica, por Juscelino Kubitschek¹¹. “Quer dizer que JK indiretamente condenou meu filho, deixou solto um bandido que, mais tarde, nas célebres passeatas dos estudantes, quis usar o PARA-SAR para jogar bomba no povo que estava se manifestando nas passeatas. Só que a essa época eu não sabia de nada. Só cuidava da minha moda. Era ignorante como a maioria” (Trecho do diário de Zuzu Angel, *apud* Valli)

Ainda em seu diário, Zuzu Angel descreve que Maria Clara foi salva pelo seu sogro (Carlos Lacerda¹²) que intercedeu por ela. Carlos Lacerda, pediu para Burnier (que estava para ser avô na ocasião), que pelo amor de seus netos libertasse Maria Clara.

Fomos a casa dela [...] achei-a muito perturbada e nervosa. Me disse que não sabia de nada. Não vira meu filho no Galeão, mas tinha certeza de que ele estava morto, porque *apareceu* para ela [...] Mariani só me deu um nome, que ela disse que foi quem teve influência em sua libertação. Um tal brigadeiro Moacir Tedesco, de quem nunca ouvira falar. Ninguém conhecia esse militar, indaguei por todo lado. Um dia achamos na lista telefônica o nome da família Tedesco [...] a senhora Tedesco, dona Lydia me recebeu e foi muito amável [...] dona Lydia prometeu se informar a respeito do meu filho e depois me comunicar o que soubesse. De fato, ela esteve lá em casa, na rua Nascimento Silva, 510. Eu botei o gravador atrás da cortina para gravar o que ela falasse. Dona Lydia me disse que ficara sabendo que um rapaz fora amarrado na traseira de um jipe e arrastado no pátio do CISA (Centro de informações da aeronáutica) e morrera. Mas esse rapaz não era meu filho, ela podia garantir. Mas não me deu nome nenhum. Por isso eu não devia me preocupar porque Stuart ia acabar aparecendo. Então eu respondi: se fizeram isso com um pobre rapaz, mesmo desconhecido, como eu poderia ficar indiferente? Continuava achando que esse mártir também era meu filho [...] sou como uma árvore muito fraca e batida por um vendaval, e não posso continuar assim. Estou querendo o mínimo que uma mãe pode pedir. Saber se meu filho está mesmo morto. Receber seu corpo (Trecho do diário de Zuzu Angel, *apud* Valli)

Segundo Pauline Boss (2001), o trabalho com pessoas e com familiares de pessoas desaparecidas se assemelha ao trabalho realizado com os pacientes enlutados pela morte de um ente querido; porém, torna-se uma tarefa particularmente difícil devido à falta de certezas e às

¹¹ Juscelino Kubitschek foi presidente do Brasil entre os anos de 1956 até 1961. Foi responsável pela construção de uma nova capital federal, Brasília. No qual queria promover o desenvolvimento do interior e a integração do país. Fonte: < <https://static.poder360.com.br/2020/04/livro-por-que-construi-brasilia.pdf>>

¹² Carlos Lacerda foi um jornalista político brasileiro. Foi membro da União democrática Nacional (UDN). Líder da ANL e governador do estado da Guanabara (Estado brasileiro que existiu onde é hoje o município do Rio de Janeiro de 1960 até 1975)

fantasias em relação às causas do desaparecimento. Assim, de acordo com a autora tendem a ser ainda mais excessivas podendo levar a um quadro ao qual nomeou como luto ambíguo:

[...]a perda é desconcertante e as pessoas se veem desorientadas e paralisadas. Não sabem como se portar nessa situação. Não podem solucionar o problema porque não sabem se este (o desaparecimento) é definitivo ou temporário [...] a incerteza impede que as pessoas se adaptem à ambiguidade de sua perda, reorganizando os papéis e as normas de suas relações com os outros queridos [...] se agarram à esperança de que as coisas voltem a ser como eram antes [...] lhes são privados os rituais que geralmente dão suporte a uma perda clara, tais como funerais depois de uma morte na família. (Boss,2001p.20)

Por conta disso, o luto pode ser em casos de desaparecimento uma reação normal à situação devido a suas dificuldades por conta da resolução da perda depende diretamente de fatores externos àqueles que a vivenciam.

Uma mãe e estilista que tem a vida e o cotidiano modificados pela ditadura militar, que canaliza as energias de seus saberes sobre roupas e do espaço conquistado na moda para buscar pelo filho “desaparecido” e ao deparar-se com a verdade dos fatos, que o filho dela está morto, expressar o luto. A vivência do luto é marcada por um único princípio, denunciar os culpados, para que fossem punidos. “Os valores, as esperanças e as crenças” (Barnard,2003, *apud* Simili))

As circunstâncias do país, e o desaparecimento de seu filho, fizeram com que Zuzu Angel tomasse um novo caminho no seu trabalho, utilizando sua arte como uma arma de protesto e construindo assim uma moda política. “Denúncia, manifestação da dor e de fé de uma mãe materializam-se nas roupas e ganham expressão simbólica por meio das cores -do branco e do preto e de representações figurativas da religião -anjos e crucifixos.” (Simili,2014. p.166).

2.5 O DESFILE PROTESTO

Em setembro de 1971, aconteceu o momento mais memorável da carreira de Zuzu Angel. A estilista foi a pioneira ao apresentar o seu desfile protesto com a coleção International Dateline Collection III devido ao desaparecimento de seu filho. A vivência do luto é marcada por um único princípio, denunciar os culpados, para que fossem punidos. Um evento que ocorreu no consulado brasileiro em Nova York, lugar escolhido por Zuzu onde fez questão que ocorresse em um local que fosse possível atrair atenção de autoridades para a situação política brasileira. A coleção de Zuzu foi dividida em três temas, o primeiro sendo Holiday, o segundo seria o Resort, e o terceiro e último deles seriam as “roupas de protesto”

Zuzu Angel utilizou este contexto do país, e o desaparecimento de seu filho Stuart Angel como peças-chave para construir em sua moda um manifesto político, em forma

de arte, dentro da sua coleção intitulada International Dateline Collection III –Holiday and Resort, desfilada na cidade de Nova York, em 1971. “(Medeiros, 2020.P 353).

A imagem de um país cheio de alegria e vida que Zuzu Angel sempre reproduzia em suas roupas, havia sido trocada por uma imagem de dor e luto de uma mãe. A própria Zuzu Angel usou um vestido preto, no encerramento do desfile remetendo ao luto que estava passado.

“Dor materna materializada no bordado de objetos simbólicos da política e da religião sobre tecidos, na costura de vestidos e no uso de indumentária roupas e ornamentos corporais, que representam e produzem significados para o luto.” (Simili,2014. p.167).

Zuzu Angel, escreveu uma carta a Mr.Thomas Dine, secretário do Senador Frank Church em 13 de setembro de 1971, quando foi entregar sua coleção:

Há quatro meses, quando comecei a pensar nela (a coleção), eu me inspirei nas flores coloridas e nos belos pássaros do meu país. Mas, então, de repente, esse pesadelo entrou em minha vida e as flores perderam o colorido, os pássaros enlouqueceram e produzi uma coleção com enredo político. É a primeira vez, em toda a história da moda, que isto acontece. Assim, espero que essa noite conseguirei fazê-los pensar no assunto, com esta Coleção. Peço que me perdoe por esta longa carta, por esta grande tragédia latino-americana levada ao seu conhecimento... (Trecho do diário de Zuzu Angel, *apud* Valli)

É importante considerarmos que o emprego da cor branca como pano de fundo para as estampas caracteriza-se como uma representação para a inocência de seu filho. “O tecido branco sangrado com a agulha e pelo coração sangrando de uma mãe que, com os trabalhos artísticos, bordava e criava representações para a sua dor” (Simili,2014. p.177).

Figura 8 -Vestido feito por Zuzu Angel para seu desfile protesto (setembro/1971).



Fonte: Acervo Digital Zuzu Angel.

Apesar da simplicidade aparente com traços coloridos imitando cadernos infantis os bordados traziam significativa carga simbólica. Recebiam tratamento naif²³ como estratégia de design para driblar a censura imperante. Individualmente, tinham forte significado, mas em conjunto podiam ser lidos como um texto narrando a situação. Mostravam alguns elementos militares como o soldado, o jipe e o tanque de guerra, além de outros que lembravam a privação da liberdade, como o pássaro na gaiola, o sol atrás das grades e o menino chorando com a cerca (Andrade,2006, apud Cintra e Mesquita).

Zuzu Angel utilizou a cor branca para trazer uma mensagem de paz e serenidade, tentando remeter ao angelical e ao divino. Os desenhos, retratados pela estilista em sua grande maioria, são bordados com cores claras, os bordados dos desenhos são colocados de forma assimétrica, dando a sensação de que os desenhos haviam sido colocados ali por uma criança. A simbologia dos desenhos retrata a mensagem do que estava acontecendo no Brasil. “Assim,

ainda que fragmentariamente, as roupas-documentos de Zuzu Angel podem ser interpretadas como coleção dedicada ao filho, que vai muito além da moda política. Ela é, também, uma moda da expressão religiosa de sua produtora.” (Simili,2014. p.178).

Figura 9- Bordado de anjo em vestido branco de desfile-protesto de Zuzu Angel. (setembro/1971).



Fonte: Acervo Digital Zuzu Angel.

Os anjos ocupam na trajetória de Zuzu um lugar de destaque. O anjo, símbolo de sua grife é transformado em elemento para simbolizar o filho. Desta forma os anjos em suas estampas podem ser idealizados como um símbolo de fé. “A roupa tende a estar poderosamente associada com a memória ou para dizer de outra forma mais forte, a roupa é um tipo de memória” (Stalybrass, 2008, p.14, *apud* Simili)

Figura10- Conjunto Luto usado por Zuzu Angel no encerramento do desfile protesto, da International Dateline (setembro/1971).



Fonte: Acervo Digital Zuzu Angel.

Vestidos que, desfilados em evento de moda, transformam-se na bandeira de luta de uma mãe para denunciar a ditadura militar. “Com a indumentária preta, ao final do desfile, cria contrastes para a narrativa visual e um roteiro: a “história da morte de um inocente” e a história de uma mãe enlutada.” (Simili,2014. p.177). É importante ressaltarmos que a indumentária era acompanhada por 100 cruces para lembrar as mortes de 100 jovens, entre os quais seu filho. Trazendo, o símbolo da cruz que é sem dúvidas o símbolo mais forte do cristianismo. Assim, podemos pensar que o cinto completa a denúncia de jovens que foram crucificados ao serem torturados e mortos pelo regime militar.

No dia seguindo os jornais falaram do meu desfile destacando aquilo que eu mais queria: Contaram o caso do meu filho. Descrevem a roupa de mais impacto em que substitui pássaro, borboleta e flores que sempre foram minha característica já conhecida dos americanos por símbolos guerreiros (Trecho do diário de Zuzu Angel, *apud* Valli)

De acordo com Andrade, nos jornais do Brasil em especial o *Jornal do Brasil*, seu desfile não foi noticiado como os anteriores, A única menção a coleção *Internacional Dateline Collection III* seria uma pequena nota, do dia 22 de setembro de 1971, intitulada “Os manequins de Zuzu”, sem muitos detalhes, sem fotos ou ilustrações das roupas:

Entre as modelos que desfilaram a última coleção de Zuzu Angel, apresentada em Nova Iorque, estava Cathy Lindsay, filha do prefeito John Lindsay. Também desfilou para Zuzu a atriz Tracy Swope, estrela de Quarenta Quilates e sobrinha de Helen Hayes (Jornal do Brasil, 22 de setembro, p.30)

Desta forma é possível perceber mais uma vez o silenciamento de uma mãe, desta vez por parte da imprensa, que muito provavelmente estava proibida de falar sobre o caso. Portanto é possível afirmar que por Zuzu Angel ter construído um comportamento político em seu desfile, foi silenciada pela imprensa e jornais.

Já no jornal *O Globo* a notícia do desfile protesto foi noticiada, porém passando por uma lapidada (auto) censura.

Figura 11–Zuzu Angel e a sua passarinhada (1971)



Fonte: Acervo digital Zuzu Angel

A matéria do jornal *O Globo* deu muito mais destaque a Zuzu Angel e Cathy Lindsay (filha do prefeito de Nova York e modelo do desfile), porém ao analisar a reportagem percebemos mais uma vez o silenciamento de uma mãe ali presente. Na matéria o destaque é dado para os pássaros presentes na coleção, sem falar sobre os outros elementos que compunham o desfile. A matéria ainda informa que o desfile possuía apenas dois momentos o *Holiday* e o *Resort*, silenciando completamente o momento do desfile-protesto, que encerrou a apresentação da coleção. É válido ressaltar que o jornal 'O Globo' apoiou o Golpe Militar de

1964, assim como jornais como ‘O Estado de S.Paulo’, ‘Folha de S. Paulo’, ‘Jornal do Brasil’ e o ‘Correio da Manhã’ justificando o seu apoio aos militares, temendo um outro golpe a ser feito pelo então presidente João Goulart, com o apoio de alguns sindicatos e de alguns segmentos das Forças Armadas.

De acordo com Rodrigo Medeiros (2020), o sistema da moda diz muito sobre a sociedade. O meio social e cultural, reflete diretamente na vestimenta que, além de servir como um divisor de classes sociais, é responsável na distinção de gênero e cultura. Além da moda estar em constante construção social e estar sob constante influência pela cultura. É possível interpretar a moda como um objeto de comunicação. Assim, a vestimenta seria entendida enquanto uma linguagem que serviria para distinguir os indivíduos em seu meio social, passando assim uma mensagem, seja para comunicar um gosto pessoal, um privilégio social ou informar a cultura a qual o indivíduo pertence.

A peça de roupa [...], é então o meio pelo qual uma pessoa manda uma mensagem a outra. É por meio da roupa que uma pessoa tenciona comunicar suas mensagens a outra. A mensagem, assim, é uma intenção da pessoa e é isso que é transmitido pela roupa no processo de comunicação. A mensagem é também, naturalmente, aquilo que é recebido pelo receptor (Barnard,2003, *apud* Medeiros 2020)

Assim, podemos dizer que a moda é fundamental para uma análise mais apurada da sociedade em que vivemos e de sua história. A moda de Zuzu Angel foi muito relevante para a nossa cultura e pioneira de um movimento para a construção da moda brasileira nos anos de 1960 e 1970, a moda a ajudaria na busca pelo seu filho, mas também no papel de criar críticas ao governo do país. “Podemos analisar a moda como algo que vai muito além do vestuário, adentrando no âmbito político, econômico, social e cultural. “(Medeiros, 2020.p 350). De acordo com Daniela Calanca, a moda é uma linguagem do corpo, a roupa portanto pode ser estipulada como a forma de um corpo revestido.

2.6 A DOR DA PERDA

Em 1975, Zuzu Angel recebeu uma carta do poeta e preso político, Alex Polari de Alvarenga¹³. Que ficou muito conhecido pelas denúncias acerca dos horrores vividos durante o período da ditadura militar. “As publicações de Alex perseguem esse modelo denúncia e com forte teor político, buscando, como é comum neste tipo de literatura, honrar os mortos que caíram em combate e ativar o exercício da memória, sobretudo apontando os verdugos da corporação militar que tanto infligiram dor. “(Filho e Ferraz ,2003). Na carta, Alex Polari¹⁴ conta os horrores vividos por Stuart durante sua prisão até a sua morte:

[...] No mesmo dia, 14 de maio, os interrogatórios prosseguiram com as idas e vidas da sala de tortura. Antes, durante a tarde, ouvi durante muito tempo um grande alvoroço no pátio do CISA. Havia barulho de carros sendo ligados, acelerações, gritos, perguntas e uma tosse constante de engasgo e que pude notar que se sucedia sempre às acelerações. Consegui com muito esforço, devido a minha situação física olhar pela janela que ficava a uns dois metros do chão e me deparei com algo difícil de esquecer. Junto a um sem-número de torturadores, oficiais e soldados, Stuart, já com a pele semi-esfolada, era arrastado de um lado para o outro do pátio, amarrado a uma viatura e, de quando em quando obrigado, com a boca quase colada a uma descarga aberta, a espírar os gases tóxicos que eram expelidos. Essa era a causa da tosse que, misturada a voz de Stuart e a dos torturadores, eu tinha ouvido durante toda a tarde. Tudo isso ante as chacotas e risos dos torturadores. Essa fase durou praticamente até escurecer. Ao anoitecer houve um grande reboliço e montaram uma operação às pressas, onde diziam os gritos que iam “pegar gente quente” [...]

De acordo com Evaristo (2019), a tortura foi aplicada no Brasil em diferentes idades, sexo e situação moral, física e psicológica em que se encontravam as pessoas suspeitas de atividades subversivas contra o governo. Para os militares, não se tratava apenas de produzir no corpo da vítima, uma dor que a fizesse entrar em conflito com o próprio espírito e pronunciar o discurso que, ao favorecer o desempenho do sistema repressivo significasse sua sentença condenatória. Desta forma, justificada pela urgência na obtenção de informações, a tortura buscava imprimir a vítima a destruição moral pela ruptura dos limites emocionais que se encontram sobre relações afetivas de parentesco.

[...]Minha senhora, esse é para mim um assunto doloroso e sei que deverá ser ainda mais para a senhora. Não me é fácil descrever as coisas de forma tão crua,

¹³ Alex Polari é um poeta e ex preso político, participou da luta armada contra a ditadura militar na Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) que realizava ações armadas contra o regime militar e lutava pela liberação de presos políticos. Fonte: < http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/19739/1/CT_LBHN_2016_X_06.pdf>

¹⁴ Carta inteira no anexo A

mesmo sabendo que com isso destruirei algumas esperanças de que por mais irreais que possam ser, sempre permanecerão em uma mãe aflita pelo desaparecimento de um ente tão querido. Tanto mais que, nesse caso, tenho uma ligação e um envolvimento emocional específico, desde que mesmo tendo ocorrido uma grande coincidência, a morte de seu filho me diz respeito também [...]

De acordo com o autor Sigmundo Fred (1917) em seu texto “Luto e melancolia” (1917) os seres humanos apresentam duas formas de enfrentar a perda de um objeto de amor: o luto ou a melancolia.

Quando tratamos do luto, há uma abundante resposta emocional a separação e o rompimento de vínculos. Estas respostas emocionais são reações à perda de um objeto de amor. A luta, então é caracterizada por uma intensa tristeza e dor, que podem ser “expressas e descarregadas, possibilitando, posteriormente, que o indivíduo desinvista a libido do objeto de amor perdido, tornando-a disponível para futuras relações” (Oliveira, 2008. p.44). Assim, de acordo com o Fred (1917) este processo de luto tem duração determinada, variando de acordo com o grau de ligação afetiva.

Já quando tratamos de melancolia, a perda não trata apenas do objeto, mas sim também de si próprio. “O amor sobre o que ou quem se perdeu não pode ser abandonado e o enlutado se identifica, incorporando-o. Em outras palavras, a pessoa se agarra ao objeto perdido, tentando negar a realidade da perda, pois separação significa dor. (Oliveira, 2008. p.44).

Portanto, é importante ressaltar que tanto o luto como a melancolia são caracterizados por um estado depressivo que têm como principais sinais, “[...] desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade [...]” (Freud, 1917, p.250).

Após o recebimento da carta, Zuzu reforça os seus dossiês, dessa vez com os nomes completos dos torturadores. “São realidade para esta mãe que relembra a todo instante o martírio do filho, um rapaz bom, ajuizado, lindo, carinhoso, educado para ser um brasileiro com um destino comum que a gente espera para todo filho: viver e ser feliz. E que esses fascistas que nos governam resolveram que não seria assim. Decidiram truncar todas essas linhas e fios que uma mão veio tecendo com paciência desde que nasceu” (Trecho do diário de Zuzu Angel, *apud* Valli).

Zuzu Angel estava decidida, queria juntar todos os documentos que tinha e denuncia o Brasil, por tudo que havia ocorrido com seu filho, o documento mais importante ela já tinha, a carta de Alex Polari, fez algumas cópias¹⁵ e mandou uma para o presidente Ernesto Geisel¹⁶.

“A minha agonia é constante há quatro anos. Que teria sido feito do corpo do meu amado filho? Tão belo rapaz, torturado e assassinado no CISA, no galeão, por ordem do Brigadeiro Burnier, então comandante da 3º Zona Aérea. [...] Estou certa de que Vossa Excelência, como pai e como cristão que é, há de compreender a angústia quem que vivo há quatro anos. As notícias que continuo recendo do martírio que meu filho sofreu são de enlouquecer.”

A autora Franco (2002) descreve que luto é uma crise, no sentido que ocorre um desequilíbrio entre a quantidade de ajustamento necessária e os recursos imediatamente disponíveis para lidar com a situação. A perda, comove uma estrutura até então conhecida, provocando assim uma ruptura, que sempre que perdemos algo ou alguém a quem éramos vinculados, é necessário um processo de reorganização diante das mudanças que se instauram.

Parkes (1998) defende que a base do luto complicado está justamente na resistência a estas mudanças. Para o autor, em qualquer tipo de luto, dificilmente fica claro o que de fato foi perdido, em decorrência do grande número de perdas secundárias, o que pode dificultar ainda mais este processo de elaboração. Desta forma, Parker ressalta que o trabalho do luto consiste em aceitar a realidade da perda vivida, elaborando a dor dela. Ressalta ainda, que as mudanças levam tempo e não são apenas individuais, mas também sociais, em especial no núcleo familiar, já que todos são afetados pela perda.

De acordo com Cristina Wolff (2017) os estudos sobre emoções e afetos e sua influência na sociedade, na cultura e na política têm surgido com um novo campo, que para alguns constitui um giro emocional ocorrido anteriormente. Refere-se a olharmos o olhar das emoções, afetos e sentimentos como parte de uma experiência humana, de procurarmos uma compreensão do social que inclua essa dimensão de estudos. Assim, Paul Hoggoertt e Simon Thompson (2012) fazem uma separação do que seria afeto e emoção. Para ambos, afeto seria um

¹⁵ Carta inteira no anexo B

¹⁶ Político e militar brasileiro. Presidente do Brasil entre os anos 1974 até 1979.

sentimento mais materializado e menos consciente, já as emoções seriam sentimentos mais conscientes.

Aqui, porém, talvez possamos pensar nesses sentimentos de maneira mais conjunta, tentando compreender a importância dessa dimensão da experiência e de como ela perpassa a cultura, os discursos, as práticas políticas, as subjetividades, para construir formas de resistência no contexto das ditaduras de segurança nacional, no Cone Sul, nas décadas 1970 e 1980. (Wolff, 2017.p.977)

Para autora Elisabeth Badinter (1980), o sentimento de amor materno não está ligado somente a condição da mulher, mas também a uma evolução social como todos os sentimentos humanos, ele varia de acordo com as flutuações socioeconômicas da história, como exemplificado por essa autora, “o amor da mãe aos filhos era outro: as crianças eram normalmente entregues, desde tenra idade, às amas, para que as criassem, e só voltavam ao lar depois dos cinco anos” (Badinter,1980. p.2)

De acordo com Machado (2013) ao longo do livro “Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho” (1986) fica claro que Norman Angel Jones não participou das buscas, denúncias e posteriormente a morte de Stuart pelos órgãos da repressão da ditadura militar. Nenhum documento assinado por Norman foi anexado ao livro, nem mesmo seu depoimento sobre seu filho. Desta forma, Zuzu explica a ausência de Norman:

Não expliquei que meu marido era pacifista convicto. Por isso veio para o Brasil para não entrar na carnificina da 2ª Guerra Mundial. Sendo convocado para comparecer à Base Americana do nordeste do Brasil, fez greve de fome durante vários dias. Quando se apresentou para exame médico estava incapaz para o serviço militar. Mas teria que voltar quando estivesse em forma. Felizmente, a guerra acabou poucos meses depois. Com um pai pacifista e um avô pacifista (meu pai Pedro Netto), Stuart tinha que ser um adepto da não violência. A guerreira da família sou eu” (Valli, 1986, p. 162).

Este comportamento pacifista de Norman Angel, fez com que ele buscasse evitar combater a Segunda Guerra Mundial, essa opção política explicaria segundo Zuzu Angel o comportamento de Norman ao se anular da luta enfrentada por ela. “Na visão da mãe, é o próprio pai, deliberadamente, a partir de uma escolha pessoal, que decide não agir. Registra-se o fato de que Stuart era casado e maior de idade quando desapareceu. Ou seja, legalmente o pai não tinha qualquer responsabilidade pelo filho. A mãe também não teria esta responsabilidade, mas isto não a eximiu de lutar por Stuart.” (Machado, 2013 p.13)

Após o desaparecimento de seu filho, Zuzu passou a acusar as forças militares pelo sumiço de Stuart, a repressão passa a persegui-la e seguir seus passos como forma de amedrontá-la. Assim, Zuzu Angel suspeitando que sua vida corria risco, em 1975 escreve uma

carta¹⁷ e entrega a uns amigos próximos, entre eles estava o cantor Chico Buarque e o jornalista Zuenir Ventura. Essa carta havia uma denúncia; “Se algo vier a me acontecer, se eu aparecer morta por acidente ou assalto ou outro meio qualquer terá sido obra dos mesmos assassinos do meu amado filho”.

Em fevereiro de 1976, Zuzu Angel invade um hotel e tenta entregar uma carta ¹⁸ ao secretário americano Henry Kissinger, juntamente com um dossiê que ela montou sobre a morte de Stuart. A organização dos documentos apresenta-se como a última alternativa de pressionar os órgãos de segurança brasileiro. No Brasil distribuiu diversas cartas denunciando as práticas opressivas da ditadura militar; participou de encontros com outras mães de desaparecidos políticos; encontrou-se com artistas, jornalistas, historiadores, que como ela; eram contra o governo. O jornalista Zuenir Ventura acredita que após a denúncia que Zuzu Angel fez ao secretário americano, Henry Kissinger ela acabou precipitando sua própria morte, pois após este ocorrido Zuzu Angel passou a receber diversas ameaças de morte. A “luta” pelo corpo de seu filho se encerrou em 1976 em decorrência de seu falecimento.

¹⁷ Carta Inteira no anexo C

¹⁸ Carta inteira no anexo D

2.7 A MORTE ENCERRA SUA BUSCA

Em 1976, durante a o mandato do então presidente Ernesto Geisel, conhecido como o governo que deu início ao processo de redemocratização do país e extinguiu o AI-5, no dia 14 de abril, cinco anos após o desaparecimento de seu filho, Zuzu Angel morre em um acidente de carro, no *Túnel Dois Irmãos*, hoje *Túnel Zuzu Angel*.

Figura 12 – Morte de Zuzu Angel (publicada em 15/04/1976)



Fonte: O Estadão

Na matéria exibida no dia 15 de abril de 1976, relata que Zuzu Angel estava dirigindo seu Karmann-Ghia azul. E Ao sair do Túnel Dois Irmãos, na auto-estrada Lagoa-Barra da Tijuca, o automóvel bateu na amurada do viaduto Mestre Manoel e despencou por mais de 20 metros. A matéria ainda retratada a trajetória profissional da estilista

Na ocasião, a perícia concluiu que Zuzu estava embriagada, sendo que não havia evidências de consumo de álcool ou que havia dormido no volante. Porém, sua família não se

conformou. E mais uma vez em 1997, seus familiares pediram reconhecimento da responsabilidade do Estado por sua morte. Neste novo laudo técnico, os depoimentos de testemunhas derrubaram a antiga versão. Desta forma, foi concluído que ela morreu por acidente após ter o seu carro fechado por outro veículo.

Virginia Valli (1986), cita em seu livro a carta que Ana Cristina Angel escreveu em homenagem a sua mãe, nela Ana Cristina descreve a profunda tristeza de sua partida e a intensa admiração que sempre terá por sua mãe, descreve a culpa que sente por não conseguir dar o apoio necessário à sua mãe quando seu irmão desapareceu.

Minha mãe querida, escrevo esta carta em tua homenagem, pelas memórias que sempre voltam ao meu espírito e que reclamam de mim um constante retorno ao passado, para que eu possa, talvez um dia, compreender o importante significado de tua vida. Você, uma mulher que sempre batalhou energicamente para que nada faltasse a nós, teus filhos. Você que se desdobrava fazendo o possível e o impossível para garantir a nós, mais tarde tivesse uma vida melhor. Eu me recordo sempre das noites intermináveis que você passava acordada, levantando-se de madrugada, correndo para o ateliê de costura, onde você desenhava, cortava, criava modelos [...] para teus filhos, mamãe, a tua admirável coragem ficará sempre marcada em nossas lembranças, será sempre uma forma de equilíbrio, de apoio para nós, um exemplo inestimável para o resto de nossas vidas [...] Contudo, a vida sempre imprevisível já estava te preparando um golpe cruel mais do que doloroso, a perda do teu único filho Stuart Angel. Deste dia em diante iniciou-se uma luta desigual, desumana, entre você e o resto do mundo. [...] Perdoe-nos mamãe, a nossa falta de piedade, a nossa impotência. Não sabíamos sinceramente como te consolar [...] Mamãe, perdoe os nossos momentos de fraqueza, quando não tínhamos mais o que dizer, somente um nó na garganta e uma vontade de chorar. Sinceramente, a nossa força não podia se equiparar à tua. Não tínhamos a mesma resistência nem a tua honestidade de sentimentos. (Valli, 1986, *apud* Angel, 1986, p. 167)

Na carta de Ana Cristina Angel, ela cita que muitas pessoas comparecem a loja de Zuzu Angel após a sua morte. O rosto de Zuzu sorridente e iluminado estava exposto em um dos ângulos da loja para que todos os amigos que lá chegavam, reclamando sua presença e sentindo sua falta. Contudo, Ana Cristina olhava a imagem de sua mãe e pensava, ‘Nunca na minha vida minha mãe foi tão querida como naquele momento, quando tantos desejavam muito a tua volta e admiravam cada vez mais tua coragem’. Alceu de Amoroso Lima aproximou-se de Ana Cristina e falou emocionado. ‘A tua mãe não morreu, minha filha, ela ficou eternamente encantada.’

Em 1976, Chico Buarque escreve a música *Angélica* em homenagem a Zuzu Angel, reproduzindo a dor de uma mãe, que perdeu seu filho Stuart na ditadura militar, e ocasionou também a sua própria morte. Zuzu Angel foi vítima de um acidente de carro em circunstâncias suspeitas.

Na canção *Angélica*, observamos um entrecruzamento de duas vozes. São vozes que dividem uma dor, uma que indaga: “Quem é essa mulher”, e outra que expressa sua dor através de um lamento pela perda do filho que desapareceu nas águas do mar. Esses enunciadores utilizam-se de vocábulos, como estribilho, embalar, lamento; logo, percebemos que se trata de um eu-lírico que advém de uma classe social privilegiada. Deflagramos uma mãe que sofre a perda do filho, que foi assassinado pela repressão político-militar, e ela tem exatidão dos fatos. (Ribeiro, 2018. p 14)

Conforme Bezerra e Barcelos (2014), o músico Chico Buarque testemunhou de diversas formas a história de Zuzu no período da ditadura militar, o músico e a estilista faziam parte do mesmo grupo de pertencimento. A canção ‘*Angélica*’ composta em parceria com Miltoninho e gravada em 1981. “à cena da mãe que quer enterrar seu filho para que possa vivenciar a perda em forma de luto, cicatrizar a ferida exposta. Não ter o corpo para enterrar é perpetuar a dor, revivê-la, repeti-la. Na letra está presente a dualidade do trauma entre lembrar e esquecer, cantar e calar.” (Barcelos e Bezerra, 2014.p.888)

De acordo com Ribeiro (2018), o nome *Angélica*, surgiu através do grego *angeliké*, “mensageiro dos deuses”, que chegou à forma portuguesa através do latim *angelicus*, que significa “puro como um anjo”, “aquele que se assemelha aos anjos” ou “angelical”., desta forma *Angélica* remete a doçura, suavidade, anjo. Porém, o que essa canção retrata é uma dor alucinante e constante a dor da “maternidade ferida”. “Podemos interpretar essa escolha de Chico, não como uma escolha sem maior relevância, mas com o propósito de homenagear Zuzu Angel, que por sua vez traz um anjo em seu nome, despertar um olhar crítico diante de tantas barbaridades que o Brasil se encontrava imerso no contexto da Ditadura Militar.” (Ribeiro,2018. p.26).

Desta maneira a canção de Chico Buarque tem de extrema significância em que o eu-lírico é uma mulher que vive o amor materno em meio à dor da perda.

Diante de tudo que foi apresentado até aqui, é perceptível que Zuzu Angel deixou um legado para além de somente sua moda. Ela sempre será lembrada nacionalmente e internacionalmente por sua busca incansável pelo corpo de seu filho Stuart Edgar Angel Jones. Zuzu, enfrentou autoridades brasileiras e apresentou o caso também a autoridades estadunidenses. Utilizou de sua arte como um “movimento” em busca da resposta à pergunta “Onde está o corpo de meu filho?”.

Zuzu Angel transformou a dor de sua perda em luta pelos seus direitos, uma mãe que não se calou e se manteve viva na busca por seu filho.

3 O LEGADO DE ZUZU ANGEL

Segundo Vigília Valli (1986), apesar de ter lutado durante cinco anos, Zuzu Angel não conseguiu realizar o seu maior desejo, enterrar o corpo de seu filho. “ela se foi como sempre viveu, desde pequena, desafiando todo mundo”.

Embora Zuzu Angel tenha denunciado nacional e internacionalmente a Ditadura Militar no Brasil, ela não é considerada uma militante política. Ela era uma mãe, que lutava também pelo direito das outras mães que se encontravam na mesma situação que ela. Seu maior objetivo era denunciar o desaparecimento e posteriormente a morte de seu filho.

Após a sua morte em 1976, Zuzu Angel recebeu diversas homenagens, dentre elas podemos citar: a composição da música ‘Angélica’ de Chico Buarque e Milton, o Instituto Zuzu Angel fundado em 1993 por sua família no Rio de Janeiro, a coleção do estilista Ronaldo Fraga 2001/2002, no São Paulo Fashion Week¹⁹, que apresentou o tema “Quem matou Zuzu Angel?”, no qual destacou a trajetória de Zuzu Angel, a exibição do programa linha direta²⁰ - Justiça, da Rede Globo, apresentando o Caso Zuzu Angel. Além disso, também temos o lançamento do filme “Zuzu Angel” de Sérgio Rezende; no ano de 2014 e mais recentemente, temos a Comissão Nacional da Verdade (CNV) investigou a morte de Zuzu e Stuart Angel.

Diante disso, construiu-se a memória de Zuzu Angel como a “mãe coragem”, que lutou contra a Ditadura Militar em busca do corpo de seu filho. Uma mãe que apesar de toda a sua dor, tentou buscar o corpo de seu filho até sua morte. Assim, podemos destacar que Zuzu Angel foi ‘transformada’ em um ícone de resistência frente ao regime militar, sendo citada em diversas reportagens como um exemplo de coragem e determinação.

¹⁹ Maior evento de moda do Brasil, no qual teve sua primeira edição em 1995. Fonte: < <https://spfw.com.br/> >

²⁰ Programa de televisão reproduzido pela TV Globo, dedicado a casos criminais do Brasil. Teve sua primeira exibição em 1990. Fonte: < <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/linha-direta/> >

3.1 INSTITUTO ZUZU ANGEL

Segundo Simone Costa (2021) em 1976, após a morte de sua mãe, Hildegard Angel passou a coletar peças da moda de sua mãe e, em 1993 com o apoio do prefeito Cesar Maia²¹, fundou a 1ª ONG de moda do país: O Instituto Zuzu Angel de moda, tendo como sede provisória o Palácio da Cidade, na cidade do Rio de Janeiro. Hildegard tinha uma proposta de lugar que pudesse lembrar Zuzu Angel e seu irmão Stuart. No ano de 2014, Hildegard Angel doou seu casarão no bairro Tijuca para receber o Instituto, preparando e adequando todo o espaço, e em 2017, abriu as portas da casa Zuzu Angel – Museu da Moda

Segundo o site do Instituto Zuzu Angel, sua principal missão é manter viva a memória de Zuzu Angel e de outras vítimas da ditadura militar bem como promover a conscientização sobre os abusos de direitos humanos que ocorreram durante esse período. Além disso, o instituto busca realizar diversas atividades, incluindo preservações de arquivos, palestras, e eventos educacionais, buscando apoiar diversas pesquisas acadêmicas à história da Ditadura Militar no Brasil.

²¹ Economista e político brasileiro, foi prefeito do Rio de Janeiro de 1993 até 1996. Fonte: <
<https://www.camara.leg.br/deputados/133987/biografia>>

Figura 13- Fachada do Instituto Zuzu Angel (outubro/2021).



Fonte: Instituto Zuzu Angel

Além do que, o principal valor do Instituto é o compromisso de enaltecer e manter sempre viva e valorizada a capacidade da moda criativa brasileira, preservando a memória e as obras de diversos artistas nacionais do setor, e estimular a liberdade de criação, ação e escolhas.

3.2 SÃO PAULO FASHION WEEK – “QUEM MATOU ZUZU ANGEL?”

Uma das homenagens realizadas ao longo dos anos a Zuzu Angel, segundo Aguiar (2014), foi a apresentação da coleção de verão 2001/2002 que foi apresentada no evento São Paulo Fashion Week, do estilista Ronaldo Fraga, onde narrou a história de Zuzu Angel. Fraga resgatou a memória de Zuzu, através de modelos com auréolas de anjo nas cabeças, desfilando em meio a bonecos gigantes suspensos em paus-de arara imaginários. De acordo com Fraga: “na coleção podiam-se ver nuvens azuis e chuva de sangue, cata-ventos verde-amarelos de propagandas do período militar, azulejos dos anos 1970, samambaias e andorinhas de alpendres [...]algodão colorido com pigmentos naturais, estampas de lençóis, [...] as peças têm cara de saia, incluindo os vestidos e as calças. As estruturas são simples, os vestidos

aparecem com a ingenuidade do desejo de luxo das roupas de anjo de coroação” (Fraga, 2009. P.32)

Figura 14 - Primavera / Verão 2002 – “Quem matou Zuzu Angel?”



Fonte: Império Retro

De acordo com Mesquita (2014) a coleção de Ronaldo Fraga fez os expectadores se emocionarem. Assim como Zuzu Angel, o estilista Ronaldo Fraga acredita que através da moda é possível criar discursos com diversos elementos visuais de denúncia e protesto, como: “Quem matou Zuzu Angel?”, “Quem matou Stuart Angel?” essas foram perguntas que possivelmente passaram pela cabeça das pessoas que assistiam o desfile. Mesmo aqueles que não tinha conhecimento da história da estilista se emocionaram com a narrativa de Fraga, conhecendo assim um pouco mais da época marcante da história do Brasil e da história de Zuzu Angel.

3.3 PROGRAMA LINHA DIRETA *JUSTIÇA* – CASO ZUZU ANGEL

Linha direta, foi um programa de televisão produzido pela rede Globo, com estreia em 1990, inicialmente com o apresentador Hélio Costa que ficou somente quatro meses. Em maio de 1999 o programa voltou ao ar, dessa vez com algumas mudanças, seu objetivo principal era a importância da utilidade pública. Nesta nova fase, o comando era do jornalista Marcelo

Rezende, que pouco tempo depois foi substituído pelo jornalista Domingos Meirelles. O programa se desdobrava a apresentar crimes que aconteceram no Brasil, com alguns autores que estavam foragidos da justiça. Além disso o programa era dividido em duas vertentes, ‘Linha Direta Mistério’ onde eram apresentados casos inexplicáveis, que nunca foram solucionados e o ‘Linha Direta Justiça’ contando crimes e histórias que marcaram a história do Brasil.

A organização da narrativa do programa apóia-se na narração dos casos em off e em alguns momentos também pelo jornalista âncora, com alternância de depoimentos de familiares e amigos, de advogados e de juristas, preferencialmente personalidades com alguma visibilidade pública. A dramatização dessas histórias particulares é bem-marcada por uma narração tensa, tom realista, edição rápida, permanente sonoridade de mistério e suspense, com entrevistas com fundos em tons de vermelho bem saturado, em meio à simulação de fatos reais com atores, o que confere verossimilhança ao desenrolar do caso (Kornis, 2011. P.6)

O primeiro episódio do ‘Linha Direta Justiça’ foi ao ar no dia 27 de novembro de 2003 sob a apresentação do jornalista Domingos Meirelles, mostrando a reconstituição e a morte de Zuzu Angel²². Segundo Milton Abirached ²³ um dos cuidados do programa era exibir a reconstituição de crimes, com depoimentos de envolvidos, parentes das vítimas e testemunhas, incentivando denúncias sobre o paradeiro dos acusados foragidos. "Quisemos dar um tom jornalístico à história. Procuramos não fazer um engrandecimento de qualquer um dos envolvidos nem amenizar a realidade”.

Na ocasião, o programa retratou que Zuzu Angel sofreu um acidente na saída do túnel Dois Irmãos, no Rio de Janeiro. Porém em relatos dados ao programa, suas partes tinham certeza de que a estilista havia sido assassinada. A versão oficial foi a de que ela dormiu no volante porque estava bêbada. A perícia criminal de 1976, relata que Zuzu estava privada de seus reflexos devido ao estado de embriaguez batendo no meio fio da estrada, assim capotando seu carro. Porém um exame de necropsia realizado descartou essa hipótese devido a não ser encontrada substâncias alcoólicas no organismo da estilista. Apesar disso, a versão do inquérito policial foi mantida.

²² Episódio completo, ‘Linha Direta - Justiça: Zuzu Angel’ - <https://www.youtube.com/watch?v=cTzXsp-uEjA&t=695s>

²³ Na época diretor geral do programa. Fonte: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0911200316.htm>>

Segundo o programa, em 1995, o Ministério da Justiça criou uma comissão para avaliar o pagamento de indenizações as famílias dos mortos e desaparecidos da Ditadura Militar sob a Lei nº 9.140/1995, também conhecida como Lei dos Desaparecidos Político no período de 2 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979. Este período foi ampliado até 05 de outubro de 1988, pela Lei nº 10.536/2002 também conhecida como Lei do Anistiado Político.

Desta forma em 1997, um novo laudo técnico e o depoimento de uma testemunha derrubaram a versão antiga da perícia, nesta nova versão a testemunha releva que o carro de Zuzu Angel teria sido fechado por um outro que a seguia. Assim, em março de 1998 o governo brasileiro reconhece que Zuzu Angel foi uma vítima da Ditadura Militar.

As gravações do programa incluíram depoimentos do jornalista Zuenir Ventura, da cineasta e amiga de Stuart Lúcia Murat, de Hildgard Angel, do ex-líder estudantil Wladimir Palmeira entre outros. Nenhum militar que esteve envolvido na época da morte de Zuzu quis falar ao programa. Além disso, o episódio dirigido por Edson Edermann teve no elenco Mateus Solano – que interpretou Stuart Angel e Zezé Polessa – que interpretou Zuzu Angel. “A síntese em Linha Direta Justiça é bastante clara como se pode apreender, e a individualização de casos de mortes e atentados, na condição de dramas individuais “resolvidos” pela justiça, dão os limites da construção da memória de uma prática de um regime de exceção” (Kornis, 2011. p.7)

3.4 O FILME ZUZU ANGEL

O filme de Zuzu Angel é um filme brasileiro do ano de 2006, dirigido por Sérgio Rezende²⁴. O filme basicamente se concentra entre a morte de Stuart em 1971 até a morte de Zuzu em 1975. “Eu sabia que lidar com personagens reais impõe certos limites, os limites da verdade do personagem. Que filmes assim não se fazem só com a imaginação, neles o trabalho de pesquisa é um elemento fundamental para o processo criativo” (Rezende, 2006 apud

²⁴ Cineasta brasileiro

Steffen). Através da fala do diretor é perceptível notar o desafio de se realizar um filme com reconstituição histórica.

A narrativa que o diretor prega não é considerada linear, pois a história de Zuzu é contada a partir de partes que aos poucos vão contando a história de Zuzu Angel e seu filho Stuart Angel. O passado e o presente se intercalam na narrativa do filme, é possível perceber três eixos na narrativa: a história da militância de Stuart; a relação mãe e filho de Zuzu e Stuart e a saga de Zuzu Angel na busca pelo seu filho até a sua morte.

Zuzu Angel é um filme que se utiliza dos artifícios dos filmes mais convencionais do cinema mundial, com forte apelo ao emocional do espectador, sendo esse um dos recursos mais antigos da sétima arte. Apesar de a narrativa não ser construída a partir de uma linearidade, ele não é um filme de difícil compreensão, não faz uso de alegorias nem metáforas, o que possibilita que o filme alcance um público mais amplo (Silva, 2016.p.2)

Conforme Márcia Santos (2009) o diretor Sérgio Rezende, possui uma postura política mais próximas das esquerdas. “Rezende reproduz em seus filmes sobre a ditadura civil-militar uma visão estereotipada e até mesmo mítica dos indivíduos que lutaram contra o regime. Assertiva que não diminui a importância de seus filmes como denúncias das violações de direitos humanos promovidas durante o governo dos militares”.

No filme *Zuzu Angel*, é perceptível notar que na cena de sua morte em 1976 há um carro a seguindo, porém sua morte foi declarada como acidental. Retrata também, que o cantor Chico Buarque distribuiu 60 cópias da declaração de Zuzu a personalidades e a imprensa, porém nenhum jornal a publicou. Somente 22 anos depois, com a Comissão dos Mortos e Desaparecidos Políticos instituída pelo governo e com o relato de uma testemunha, foi-se concluído de que *Zuzu Angel* foi assassinada pelas forças da repressão.

Zuzu Angel, é um filme que no seu transcorrer vai demonstrando ao telespectador como a repressão funcionou no país, percebemos como a violência era perpetrada, e vitimando aqueles que eram contra o regime militar.

Assim, segundo Steffen no filme *Zuzu Angel* temos um retrato didático de um período marcante da política brasileira que, durante muito tempo, foi considerado arquivo secreto nacional. Desta forma, o filme tem um papel muito importante de lembrar as injustiças, torturas e brutalidades cometidos pela Ditadura Militar brasileira, construindo assim a nossa memória e identidade nacional.

3.5 A COMISSÃO DA VERDADE

Segundo Silva (2019) a criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV) foi sancionada em novembro de 2011 por meio do Decreto-Lei nº 12.528, com os objetivos de investigar as violações dos direitos humanos cometidas por indivíduos a serviço do Estado entre 1946 e 1988 e identificar os locais de ocorrência de tais violações.

Porém a CNV só foi instalada oficialmente em maio de 2012, pela então presidente Dilma Rouseff no Palácio do Planalto, onde ela empossou os sete membros do Colegiado desta comissão: José Carlos Dias, José Paulo C. Filho, Rosa Maria C. da Cunha, Claudio Fonteles, Gilson Dipp, Paulo Sérgio Pinheiro e Maria Rita Kehl. As atividades da CNV se encerraram em dezembro de 2014, quando os membros entregaram um relatório final sobre as atividades desenvolvidas à Dilma Rouseff.

3.5.1 Caso Stuart Angel

No dia 9 de junho de 2014, a CNV apresentou o relatório preliminar de pesquisa sobre o caso de Stuart Edgar Angel Jones, morto sob tortura no Centro de Informações da Aeronáutica (Cisa), nas dependências da Base Aérea do Galeão, em maio de 1971.

Estavam presentes os comissionados Pedro Dallari, Maria Rita Kehl, José Carlos Dias, Paulo Sérgio Pinheiro, Rosa Maria Cardoso da Cunha, o secretário executivo André Saboia, e a jornalista Hildegard Angel, irmã de Stuart Angel.

Segundo relatórios da CNV, o secretário executivo, André Saboia, apresentou o relatório preliminar, começando por descrever a diligência pericial de reconhecimento da Base Aérea do Galeão, quinta estrutura utilizada pelas forças de repressão como local de prisão, tortura e morte reconhecido pela CVN. Saboia informou que durante as investigações, diversos ex militares e ex presos, alguns que acompanharam a diligência, confirmaram a existência de uma prisão do Cisa nas dependências da base aérea do Galeão, comandada pelo brigadeiro João Paulo Moreira Burnier. O evento contou com uma apresentação de diversos vídeos com depoimentos de ex militares e ex presos.

Pedro Dallari, que informou ser possível afirmar por documentos e depoimentos que Stuart Angel foi morto e torturado na base aérea do Galeão, disse ainda que os possíveis restos mortais de Stuart Angel, estariam na base aérea de Santa Cruz.

A palavra foi passada para Hildegard Angel, irmã de Stuart Angel, que questionou a possibilidade de inspeção na base aérea de Santa Cruz.

O comissionado Pedro Dallari, expressou, ainda, a necessidade de fornecimento de informações pela Aeronáutica para que possa haver informações mais específicas que orientem as buscas, informou que a CNV faria o requerimento destas informações formalmente à Aeronáutica e que assumiu a inexistência de vínculo dos oficiais.

O núcleo de pericial da CNV descobriram que a base passou por uma ampla reforma em 1976. Os peritos da CNV procuraram a Polícia Civil e pesquisaram a existência de ocorrências policiais de encontro de cadáver próximo das obras na base ou em outras obras realizadas pela construtora Cetenco²⁵. “Em um canteiro de obras da Cetenco no centro do Rio, foi localizada uma ossada com um crânio quase completo. As fotos dos ossos encontrados na obra foram submetidas a exames de análise comparativa crânio facial no Centro de Ciências Forenses da Universidade de Northumbria em Newcastle, Inglaterra, e pela equipe do legista Marco Aurélio Guimarães no Centro de Medicina Legal da USP de Ribeirão Preto”. (Comissão Nacional da Verdade,2014)

Um exame foi realizado e comparado as fotos do rosto e Stuart Angel com a foto do crânio encontrado no canteiro de obras, embora não tenha sido possível uma identificação definitiva, o perito Martin Paul Evison não encontrou nenhum elemento que excluísse a possibilidade de a fotografia do crânio examinada ser de Stuart Angel Jones.

²⁵ Empreiteira contratada para a reforma da Base de Santa Cruz

Figura 15 – Crânio encontrado pela Perícia (2014).



Fonte: Comissão Nacional da Verdade

Diante das circunstâncias do caso Stuart Edgar Angel Jones e das investigações realizadas pela Comissão Nacional da Verdade concluiu-se que Stuart foi vítima de desaparecimento forçado em uma ação de emboscada por agentes do Estado brasileiro em um contexto de sistemáticas violações de direitos humanos promovidas pela ditadura militar.

3.5.2 Caso Zuzu Angel

De acordo com o volume III do Relatório Nacional da Verdade. A comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP) reconheceu a responsabilidade do Estado brasileiro pela morte de Zuleika Angel Jones. Seu nome consta no Dossiê ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985), organizado pela Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos.

Zuzu Angel morreu no dia 14 de abril de 1976 em um acidente na saída do túnel dois Irmãos na estrada da Gávea, no Rio de Janeiro. Devido a diversas ameaças que a estilista vinha recebendo, logo surgiu a desconfiança de que o acidente teria sido provocado por agentes dos órgãos de repressão. A versão divulgada na época de seu acidente é de que o carro de Zuzu Angel, um Karman Ghia, teria saído da pista, colidido com a proteção e capotado várias vezes em um barranco. A certidão de óbito, assinada pelo médico Higino de Carvalho Hércules, confirmou a versão do acidente na época e atestou como causa da morte uma “fratura do crânio com hemorragia subdural e laceração cervical”. Na época foi cogitado que a estilista havia ingerido bebida alcoólica e por isso, acabou perdendo o controle de seu carro. Essa possibilidade foi logo descartada após o exame toxicológico que atestou a ausência de álcool em seu sangue. (Setemy, 2020. p.351)

Em 1996, com o intuito de apresentar um pedido de indenização à Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP), a família de Zuzu Angel solicitou o trabalho de Luís Fondebrider, da Equipe Argentina de Antropologia Forense, para analisar os restos mortais da estilista. O perito argentino apontou inconsistências na versão divulgada à época do

acidente. Também foi apresentado o depoimento de Marcos Pires, que teria visto o acidente da janela de seu apartamento, situação em que descreveu que dois carros estavam emparelhados na saída do túnel Dois Irmãos quando um dos automóveis chocou-se com outro, que seria o de Zuzu Angel, provocando a colisão contra a proteção do viaduto e, logo em seguida, o carro despencou do barranco. Marcos também declarou que, surpreendentemente em menos de cinco minutos do acidente, cinco carros da polícia já estariam presentes no local. A partir disso, a CEMDP decidiu solicitar um parecer técnico dos peritos criminais do Instituto de Criminalística de São Paulo. Os profissionais contribuíram para desmontar a falsa versão da morte de Zuzu Angel da qual, inicialmente, descartaram a possibilidade de Zuzu ter dormido ao volante. Segundo a Comissão Nacional da Verdade com relação ao primeiro exame do local do acidente, afirmam que a versão apresentada para a dinâmica dos eventos é absolutamente inverossímil pelas seguintes razões:

Primeiro porque um veículo jamais mudaria de direção abruptamente única e tão somente por conta do impacto de qualquer de suas rodagens contra o meio-fio, qual seria galgado facilmente, projetando-se o veículo pelo talude antes de chegar ao guarda-corpo do viaduto. Segundo porque, sendo o meio-fio direito da autoestrada perfeita e justamente alinhado como guarda corpo do viaduto, mesmo que o veículo se desviasse à esquerda, tal como o sugerido pelo laudo, desviar-se-ia do guarda-corpo, podendo, se muito, chocar o extremo direito da dianteira. Terceiro porque, mesmo que se admitisse a trajetória retilínea final, nos nove metros consignados pelo laudo, tendo-se em conta que o veículo chocou a dianteira esquerda e que não havia mais nada à direita, a não ser a rampa inclinada da superfície do talude, teríamos que aceitar que as rodas do lado direito ficariam no ar e o veículo perfeitamente em nível até que batesse no guarda-corpo, o que, evidentemente, seria impossível.

As pesquisas realizadas no âmbito da Comissão Nacional da Verdade no acervo histórico do Arquivo Nacional revelaram inúmeros documentos sobre o intenso monitoramento de Zuzu Angel e de suas atividades, por parte dos órgãos de informações e repressão. Dentre eles estava o. Documento da DSI/MRE, de 1º de fevereiro de 1972, do desfile protesto de Zuzu Angel:

Em aditamento à informação no 366, de 22 de novembro de 1971, a DSI/MRE encaminha, em anexo, 45 (quarenta e cinco) fotografias em preto e branco e 16 (dezesesseis) diapositivos em cores que retratam os modelos apresentados no desfile da figurinista brasileira Zuzu Angel, em Nova York. Como se trata dos únicos exemplares disponíveis, a DSI/MRE agradecerá a devolução posterior do material ora encaminhado.

Um documento confidencial do Ministério das Relações Exteriores, que mostrou a preocupação com a provável repercussão da morte de Zuzu Angel, evidencia também o desrespeito com que esses órgãos tratavam a campanha de Zuzu Angel, para ter informações sobre seu filho:

A DSI/MRE considera conveniente, tendo em vista a provável campanha internacional contra o Governo [...], exame aprofundado, pelos órgãos que operam no campo interno, do quadro clínico mental de Zuzu Angel antes de seu falecimento, tendo em vista os indícios, em suas declarações escritas, de mania de perseguição e fixação mórbida na lembrança de seu filho.

Na citação acima, é perceptível a preocupação dos militares quanto a mania de perseguição de Zuzu Angel. Essa “preocupação” da estilista pode ser vista na carta que ela enviou a amigos como Chico Buarque e Zuenir Ventura no qual ela dizia. “Se algo vier a me acontecer, se eu aparecer morta por acidente ou assalto ou outro meio qualquer terá sido obra dos mesmos assassinos do meu amado filho”. É interessante pensar que nos registros dos militares tratam essa preocupação de Zuzu Angel como um “quadro clínico de mania de perseguição” não considerando as ameaçadas de morte que ela vinha recebendo. O que nos leva a pensar de que era uma preocupação infundada, no entanto eram esses mesmos militares que a ameaçavam, perseguiam e no fim foram os responsáveis por sua morte.

Em relação as informações recolhidas pela Comissão Nacional da Verdade sobre o caso de Zuzu Angel, uma das principais informações foi o depoimento do ex-delegado do Departamento de Ordem Política e Social do Espírito Santo (DOPS- ES), o Cláudio Guerra, no qual ele identificou a presença em uma foto feita após o acidente do coronel do Exército Freddie Perdigão Pereira. Segundo Guerra, ele afirmou ter escutado o próprio Perdigão falando que havia participado do acidente de Zuzu Angel. “Éramos confidentes, frequentávamos a casa um do outro. Um dia ele me disse que havia planejado simular o acidente dela, e estava preocupado, pois achava que havia sido fotografado na cena do crime” (Comissão Nacional da verdade, Capítulo 13, 2014)

Desta forma, a CNV solicitou ao Ministério da Defesa e ao Comando do Exército uma foto do coronel Perdigão para fins de comparação a perícia, porém o comando do exército alegou que nos acervos do Exército não existe qualquer tipo de registro fotográfico dos seus agentes.

Figura 16- Coronel Perdigão no acidente de Zuzu Angel (15/04/1976)



Fonte: Comissão Nacional da Verdade

Diante das investigações realizadas pela Comissão Nacional da Verdade, conclui-se que Zuleika Angel Jones morreu em consequência de uma ação conduzida por agentes do Estado brasileiro.

3.6 O CENTENÁRIO DE ZUZU ANGEL

No dia 5 de junho de 2021 foi celebrado o centenário do nascimento de Zuzu Angel. E para comemorar os 100 anos da estilista, o Itaú Cultural transformou a exposição “Ocupação Zuzu” em um grande tour virtual²⁶, em homenagem a estilista. O projeto Ocupação, do Itaú Cultural, resgatou a memória de Zuzu Angel que inovou ao se espalhar por diversos espaços e dedicou-se a uma exposição em movimento: os vestidos criados por Zuzu desfilam em modelos que também dão voz às cartas que ela enviava na constante busca por Stuart.

²⁶ Disponível em: < <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/zuzu-angel/> >

Além disso o estilista mineiro Ronaldo Fraga, que já havia homenageado Zuzu Angel em 2001, fez uma nova homenagem a ela, 20 anos depois, com a coleção “Zuzu vive!”, coleção apresentada em formato fashion film²⁷ para a SPFW 2020.

“Zuzu Angel hoje ela é verbo, fazer Zuzu, pensar Zuzu Angel é algo que ultrapassou os limites da moda e os limites da política. Por que é falar de liberdade, é falar autoria é falar de como ela foi a primeira figura a pensar a moda genuinamente brasileira.” (Fraga, 2021)

Neste fashion film “Zuzu Vive”²⁸, Fraga “conversa com Zuzu Angel” em um café com a estilista, que ele criou em seu Instagram com o uso de inteligência artificial durante o isolamento social do Covid-19.

Segundo Pires e Esswein (2011) retratam sobre as mudanças nos elementos dos desfiles de Fraga de 2001 “Quem matou Zuzu?” até 2020. No desfile de 2020 “o símbolo de nuvens azuis utilizado anteriormente é atualizado para nuvens pretas que chovem sangue. A atualização expressa o caráter ideológico do desfile e explicita através de uma mudança na alegoria do tempo meteorológico a piora da violência e condições de vida que se deram ao longo do tempo cronológico. As nuvens que em 2001 foram representadas em azuis, ainda que com chuvas de sangue, em 2020 são representadas em preto, fazendo alusão com o “tempo que fecha”, antes de uma tempestade.” (Pires e Esswein, 2011. P.75)

²⁷ Filme de moda, caracteriza-se por ser um vídeo curto que apresenta o conceito de determinada coleção de moda. Fonte: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/62065/751375154447>>

²⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5w9NEf4hEJk>>

Figura 17 – Chuva de sangue (2020)



Fonte: Lilian Pacce

Assim, segundo Pires e Esswein (2011) através da obra de Ronaldo Fraga é possível perceber que o discurso do estilista busca emocionar e impressionar seus interlocutores, seja pela contação de histórias, pelos posicionamentos políticos engajados, pelos resgates históricos de diferentes brasis, ou pelo “tom” de suas falas. Assim, é possível concluir que a obra de Fraga se apresenta muito mais do que uma apresentação de coleção de moda, mas sim uma coleção de conjuntos de ideologias que se manifestam a favor da vida da liberdade, igualdade e dos direitos.

“Para compreendermos a ‘força’ de Zuzu Angel é necessário primeiramente olharmos a moda no mundo, não existe um estilista no mundo que tenha utilizado a moda como Zuzu Angel utilizou. Ainda mais em uma época em que o Brasil era totalmente dependente no que os centros europeus ditavam.” (Fraga, 2021)

Para concluir, o departamento de Artes & Design da PUC - Rio, em parceria com o Instituto Zuzu Angel, homenageou Zuzu Angel no dia 21 de junho de 2021. Sua filha, Hildegard Angel, participou de uma mesa comemorativa. Segundo Hildegard Angel, Zuzu significou um

ponto fora da curva na moda em nosso país. “Pois foi a primeira a denunciar a colonização mental e cultural de nossos criadores de moda, até mesmo os mais talentosos, que condicionavam suas criações aos padrões importados, sejam de estilo, técnica, cor e até de altura da bainha” (Angel, 2021).

Zuzu rompeu com a “Prisão cultural”, dedicou-se a moda da cultura brasileira, admirando os pássaros, as matas e as flores. Utilizou de sua moda para denunciar a opressão e a tortura até ser assassinada pela Ditadura Militar brasileira. Por fim, Zuzu foi o Brasil que era omitido em nossa moda, elegantemente legitimou a moda brasileira e ficou marcada na História pela busca incansável de seu filho Stuart Angel.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado, o presente trabalho buscou compreender como a moda e a maternidade influenciaram no ativismo político de Zuzu Angel. Realizado a partir de documentos, livros e monografias.

Primeiramente buscou-se apresentar Zuzu Angel, como estilista, esposa e mãe, para posteriormente apresentar sua luta frente a resposta à pergunta “Onde está o corpo de meu filho?”.

Para isso, foi necessário inicialmente apresentar a história de Zuzu Angel na moda. Apesar de toda a influência europeia que o Brasil nos anos de 1950 e 1960, Zuzu era considerada inovadora. Uma mulher que tinha um olhar frente ao seu tempo, que queria fazer uma moda “tipicamente brasileira”, em uma época em que a moda brasileira era dominada por homens, principalmente Denes Abreu e Clodovil Hernandes. Zuzu Angel enfrentou o preconceito e condenou a moda colonizada. Ela olhou com carinho para os elementos brasileiros, Zuzu utilizava materiais como seda, renda, chita, muitas cores e estampas regionais, elementos que eram totalmente desvalorizados pelos estilistas brasileiros da época, e começou a fazer a sua própria moda. Com o tempo, Zuzu Angel começou a ter a sua própria clientela bem-sucedida.

Para compreender a luta de Zuzu Angel, foi necessário realizar um contexto a respeito do golpe militar que se instalava no Brasil em 1964, onde Zuzu veria sua vida mudar para sempre. O golpe foi comemorado por diversos setores da classe média que, naquele momento, pediam por intervenção militar. Se iniciava no Brasil uma ditadura que iria durar 21 anos, com diversas torturas, vigilâncias, punições e diversos atos institucionais. Neste contexto, seu filho Stuart Angel se casou em 1968 com sua namorada Sonia Maria e entrou na luta armada, poucos meses depois é decretado no Brasil o AI-5. No ano de 1971 devido a sua militância, Stuart é sequestrado e desaparece, a partir deste momento Zuzu começou a enfrentar uma grande batalha em busca da resposta à pergunta “Onde está meu filho?”, a partir disso buscou-se explicar a busca e a dor de Zuzu Angel na busca por seu filho.

No mesmo ano do desaparecimento de seu filho Zuzu Angel promoveu um desfile com coleção International Dateline Collection III buscando promover o desaparecimento de seu filho. A vivência de dor pelo desaparecimento de seu filho, fez com que Zuzu promovesse um desfile protesto na busca por denunciar os culpados pelo desaparecimento de seu filho. Zuzu

desenvolveu diversos modelos para este desfile, onde utilizava a cor branca para tentar trazer uma mensagem de serenidade e paz a seus modelos, os desenhos feitos por ela buscavam trazer a mensagem do que ocorria no Brasil com tanques de guerra desenhadas, gaiolas e bombas. Nesta parte buscou-se argumentar que é possível se comunicar através da moda. A moda que vemos hoje é constantemente influenciada pela nossa cultura e sociedade, assim é possível interpretar a moda como um objeto de comunicação. A moda é também uma forma de analisarmos a sociedade em que vivemos e sua história. Desta forma, a moda realizada por Zuzu Angel, ajudaria na busca por seu filho além também de realizar uma crítica ao governo militar.

Neste trabalho buscou-se também tratar a respeito do sentimento da dor de uma mãe, após o recebimento da carta de Alex Polari em 1975, nesse sentido foi descrito partes do diário de Zuzu Angel afim de buscar os seus reais sentimentos a respeito da dor sentida por Zuzu Angel, além disso procurou-se retratar sentimentos com o luto e a melancolia, buscando compreender como Zuzu Angel se sentiu naquele momento. Apesar de toda a dor da perda sentida por Zuzu, ela conseguiu buscar uma força incansável para juntar um grande dossiê e entregar ao secretário americano Henry Kissinger. Diante disso, compreendemos que o luto é uma crise em que ocorre um grande desequilíbrio entre a quantidade de ajustamento necessária e os recursos imediatamente disponíveis para lidar com a situação. Podemos dizer, que o luto vivido por Zuzu Angel foi um luto ainda mais complicado, pois mesmo sabendo da morte do filho, Zuzu Angel não tinha o seu corpo para enterrar e finalizar parte da sua dor.

Em 1976, após 5 anos de luta pelo desaparecimento de seu filho. Zuzu Angel morre em um acidente de carro e que anos depois se descobriria que ela também foi uma das vítimas da ditadura militar.

Apesar se não se considerar uma mulher feminista na época, é perceptível que Zuzu tinha uma postura feminista para a época. Pois os movimentos feministas começaram a surgir no Brasil na década de 1970 e buscavam cada vez mais debater assuntos como o trabalho feminino, a igualdade de direitos e a participação na política. Zuzu Angel era uma mulher à frente do seu tempo, pois era uma mulher desquitada, com três filhos e ainda tendo seu próprio negócio, que não era bem-visto para a época, mas Zuzu buscava conquistar o seu espaço cada vez mais

Diante de tudo que foi apresentado até aqui, é nítido que Zuzu Angel deixou um legado que foi muito além da moda. Além de olhar a moda com um olhar tipicamente brasileiro, Zuzu

enfrentou o governo militar frente a resposta à pergunta “Onde está o corpo do meu filho?”. Este trabalho teve como objetivo principal problematizar a vida e maternidade de Zuzu Angel em seu ativismo político na busca por seu filho. Em relação a maternidade, buscou-se problematizar a história da maternidade a partir da autora Badinter e compreender como Zuzu Angel fazia sua própria maternidade. Assim, compreendemos que maternidade passou por diversas mudanças ao longo do tempo, desta forma percebemos que a história, a cultura e o meio social em que está inserida cada mulher faz dela uma vivência individual a respeito da maternidade. No que diz respeito a Zuzu Angel e sua maternidade, ela sempre foi muito presente na vida de seus três filhos Stuart, Hildegard e Ana Cristina. Quando seu filho Stuart desapareceu, não mediu esforços para tentar encontrá-lo, até mesmo confrontando de peito aberto a Ditadura Militar e assim, perdendo a vida por conta desta luta.

BIBLIOGRAFIA:

Acervo Digital Zuzu Angel. **Zuzu Angel**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.zuzuangel.com.br/> acesso em 10 de outubro de 2023

ANGEL, Hildegard, 1971, **carta inédita de Zuzu: “ Futuro mostrará meu filho como o tiradentes da época dos computadores”**. HildegardAngel.com.br publicado em 12 de agosto de 2013

ANDRADE, Priscila. A marca do anjo: a trajetória de Zuzu Angel e o desenvolvimento da identidade visual de sua grife. **IARA: Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo, V.2, n. 2 out./dez. 2009. Disponível em: https://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/05_IARA_vol2_n2_Dossie.pdf . Acesso em 08 de nov de 2023.

ANDRZEJEWSKI, Luciana. **A moda como história**. Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 53, abr. 2012

ARQUIVO LINHA DIRETA. **Linha direta – Justiça: Zuzu Angel**, YouTube, 31 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cTzXsp-uEjA&t=1s> . Acesso em: 17 set. 2023.

ARTE E DESIGN PUC-RIO. **Centenário Zuzu Angel**. Rio de Janeiro, 05 jun. 2021. Disponível em: <https://www.dad.puc-rio.br/2021/06/05/centenario-zuzu-angel/> . Acesso em 14 out.2023.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2011

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BEZERRA, Amilcar Almeida; BARCELOS, Patrícia. Cantando a dor do outro: o caso Zuzu Angel e a canção como testemunho na obra de Chico Buarque. **Reciis, Revista Eletrônica da comunicação, informação & inovação em saúde**, Rio de Janeiro, v.14,n. 4, p. 880 - 891, out.-dez. 2020 .

BOSS, P. **La perdida ambigua: cómo aprender a vivir con un duelo no terminado**. Barcelona: Gedisa. 2001

BRAGA, João. **História da moda: uma narrativa**. 8ª ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2009.

CARDOSO, Elizabeth da P. **Imprensa feminista brasileira pós - 1974**. 2004. Dissertação (Mestrado em ciência da comunicação) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-17052004-165710/publico/Imprensa_feminista_brasileira.pdf . Acesso em 13 out. 2023

CINTRA, Fernanda N.; MESQUITA, Cristiane F. Design, bordado e resistência: entre Zuzu Angel e Linhas de Sampa. **DAPesquisa**, Florianópolis, v.16, p. 01-26, jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/19386/13020> . Acesso em: 18 set. 2023.

COELHO, Joyce. **Moda e comunicação: A moda como um mecanismo de denúncia social**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Estilismo) - Curso de Moda, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Apresentação da investigação do caso “Stuart”**. [Rio de Janeiro], 2014. 17 slides. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/pericias_rj/apresentacao_stuart.pdf . Acesso em 13 out. 2023.

COSTA, Ana Alice Alcantara. **O movimento feminista no Brasil: Dinâmicas de uma intervenção política**. Niterói, v. 5, n. 2, p. 9-35, 1. sem. 2005

DALLARI, Pedro Bohomoletz de Abreu. Afinal, o que foi o AI-5? colunista comenta as recentes falas de membros do governo federal sugerindo a volta do ato que referendou a ditadura no Brasil. [Entrevista a Marcelo Rollemberg] (2019). Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/002978947>> acesso em 10 setembro de 2023.

DIAS, José Carlos. *et al.* Casos Emblemáticos *in*: DIAS, José Carlos. *et al.* **Comissão Nacional da Verdade: Relatório Volume I**, Brasília: Biblioteca da Comissão Nacional da Verdade, 2014. P. 595-677. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_1_digital.pdf . Acesso em: 13 out. 2023

DIAS, José Carlos. *et al.* Stuart Edgar Angel Jones *in*: DIAS, José Carlos. *et al.* **Comissão Nacional da Verdade: Relatório Volume III**, Brasília: Biblioteca da Comissão Nacional da Verdade, 2014. P. 598-607. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_3_digital.pdf . Acesso em: 13 out.2023.

DIAS, José Carlos. *et al.* Zuleika Angel Jones *in*: DIAS, José Carlos. *et al.* **Comissão Nacional da Verdade: Relatório Volume III**, Brasília: Biblioteca da Comissão Nacional da Verdade, 2014. P. 1836-1841. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_3_digital.pdf . Acesso em: 13 out.2023.

ESTADÃO. **Acidente ‘Calou’ Zuzu Angel para sempre**. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/arquivo/acidente-calou-zuzu-angel-para-sempre/>. Acesso em 10 de dezembro de 2023

FIGUEIREDO, César Alessandro S. Alex Polari - “canção para Paulo (À Stuart Angel). *in*: FERRAZ, Marcelo(org.); FILHO, Nelson Martinelli(org.); **Poesia e cárcere político: leituras e análises**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 23-32

FOLHA DE S. PAULO. “**Linha Direta**” **recria morte de Zuzu Angel**. São Paulo, 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0911200316.htm>. Acesso em 08 nov. 2023.

FREUD, Sigmundo. **Luto e Melancolia**. 1 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1917(impressão em 1976)

GARCIA, Gilberto Gonçalves. *et al.* **Brasil nunca mais**. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HERLER, Thomaz Joezer. **Formação e trajetória do primeiro movimento MR-8: Possibilidade e limites de construção de uma vanguarda revolucionário político militar (1964-1969)**. 2015. Dissertação (Mestrado em história) - Programa de Pós - Graduação em História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2015

INSTITUTO ZUZU ANGEL. **Acervo documental Zuzu Angel**. YouTube, 19 nov. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bsi8LdBjMmM&t=407s> . Acesso em 08 nov. 2023.

Itaú Cultural - Hildegard Angel - Ocupação Zuzu (2014) - Parte 1/9. Youtube, 1º de abril de 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-v3lQGAPYEg&t=76s>> acesso em 12 de julho de 2023

KORNIS, Mônica Almeida. **O regime militar brasileiro em narrativas melodramáticas televisivas: entre a ficção seriada e o docudrama**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH ,São Paulo, julho 2011. Disponível em:< https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548856709_67fa5b06da34d191ac3d0fd1bbc18c68.pdf> acesso em 05 de novembro de 2023.

KUBITSCKEK, Jucelino. **Por que construí Brasília**. 1.ed. Brasília: 2000, coleção Brasil 500 anos, 2000.

LACERDA, Carla Cristina Delgado. **Moda como forma de protesto em desfiles de Zuzu Angel: Nova York, setembro de 1971**. 2011. Dissertação (pós graduação em arte e moda) Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012. Disponível em: < <https://www2.ufjf.br/posmoda/wp-content/uploads/sites/349/2013/03/Monografia-Especializa%C3%A7%C3%A3o-Carla-Cristina-Delgado-Lacerda.pdf>> acesso em 10 setembro de 2023

MACHADO, Vanderlei. **Lembranças do pai: por uma história da paternidade nas memórias dos que lutaram contra a ditadura civil militar brasileira** *in*: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL. 11., 2012, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro, Associação Brasileira de história oral, 2012.

MEDEIROS, Rodrigo Rui Simão. **Manifesto de Tecido: A moda de Zuzu Angel e a ditadura civil-militar**. **Revista Discente Ofícios de Clio**, Pelotas, vol. 5, n° 8 | janeiro -junho de 2020.

MOREIRA, Renata Leite; RASERA, Emerson. Maternidades: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-la. **Psicologia & Sociedade**; Minas Gerais, vol. 22, núm. 3, 2010

MOTTA, Marly Silva da. Carlos Lacerda: de demolidor de presidentes a construtor de estado. **Nossa História**. Rio de Janeiro, nº19, p.72-25, maio, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. **A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política** (1968-1981). Rev. Bras. Hist. v.24, n.47, p. 103- 126, 2008. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbh/a/Xxztgmp6ZG7RRx3MHfmLnMj/?lang=pt>> . Acesso em: 07 de novembro de 2023.

NOGUEIRA, Alberto. ANGÉLICA – Chico Buarque, Youtube, 24 jul. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hGRMIUbFEW0> . Acesso em 08 nov. 2023

O TEMPO: **Ronaldo Fraga fala sobre o centenário de nascimento de Zuzu Angel (1921-1976)**. YouTube, 26 jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZgYhhqTG7Vg> . Acesso em 08 nov. 2023.

OLIVEIRA, Sandra. **Onde está você agora além de aqui, dentro de mim? – O luto das mães de crianças desaparecidas**. 2008. Dissertação (Mestrado em psicologia) - Programa de pós graduação em psicologia, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PEREIRA, Helen Moraes. **Moda como manifestação política: Zuzu Angel**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em relações Públicas) - Curso de Relações Públicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/240246/001142693.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acessado em 06 set. 2023

PIRES, Marianna e ESSWEIN, Georgius. “Zuzu vive!”: uma análise do discurso do fashion film de Ronaldo Fraga. Revista espaço acadêmico - n.235 - jul/ago.2022. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/62065/751375154447>> acesso em 14 de outubro de 2023

RIBEIRO, Lígia Maria Ramalho. **A representações da dor da perda em Chico Buarque: Uma leitura de pedaços de mim, Angélica e meu guri**. 2018. Dissertação (Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras) , Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018

RIGAMONTI, Amanda. **Zuzu Angel; 100 anos de uma mulher revolucionária**. ItauCultural, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: < <https://www.itaucultural.org.br/secoes/entrevista/zuzu-angel-centenario-mulher-revolucionaria>> cesso em 13 de outubro de 2023

SILVA, Camila Penaforte. **Mães Dilaceradas: Trajetórias de dores e lutas de Elizabeth Teixeira e Zuzu Angel durante o regime civil militar**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) - Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2023.

Disponível em: https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2016/12/CLEONICE-ELIAS-DA-SILVA_SP18-Anais-do-II-Simp%C3%B3sio-Internacional-Pensar-e-Repensar-a-Am%C3%A9rica-Latina.pdf . Acesso em: 12 jul. 2023

SILVA, Cleonice Elias. As ressignificações das ditaduras brasileira e argentina: uma análise dos filmes *Zuzu Angel* (Sérgio Rezende, 2006) e *La história oficial* (Luiz Puenzo, 1985) in: Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, 2., 2016, São Paulo. **Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina**, São Paulo PROLAM, 2016.

SILVA, Deusely Libório. **Barbárie civilizada sob a ótica de Alex Polari de Alvarenga**. 2016. Dissertação (Monografia de Especialização) Programa de Pós-Graduação em Letras: Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SILVA, Natália Aparecida Godoy. História pública, cinema e o documentário “Em Busca da Verdade”. *Faces da História*. Assis-SP, v.6, nº1, p.385-409, jan.-jun., 2019. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/facesdahistoria/article/view/1334/1188>> acesso em 14 de outubro de 2023.

SIMILI, Ivana Guilherme. **Memórias da dor e do luto: as indumentárias político-religiosas de Zuzu Angel**. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano VI, n. 18, v. 06, Janeiro de 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/23657/12841>> 13 de agosto de 2023.

STEFFEN, Lauren. **Zuzu Angel, o filme**. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 5 - Edição 4*, Junho-Agosto 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35665/38385>> acesso em 05 de novembro de 2023.

TAVARES, Flávio. **1964 o golpe**, 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2014.

UOL MAIS. **São Paulo Fashion Week - Hildegard Angel**. São Paulo, 2001. Disponível em: <<https://mais.uol.com.br/view/bfc3becnpbdr/sao-paulo-fashion-week--hildegard-angel-040266C08183E6?types=A&>> acesso em 08 de outubro de 2023.

VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho**. 4. ed. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

VENÂNCIO, Renato Pinto. **A maternidade negada**. 1.ed. São Paulo Contexto, 2002. Cap.6.

WOITOWICZ e PEDRO, Karina e Joana. Movimento Feminista durante a ditadura militar no Brasil e no Chile: conjugando as lutas pela democracia política com o direito ao corpo. Dossiê gênero, feminismo e ditaduras. Ano X, n. 21, 2º. Semestre 2009, (43-55) Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/3574/2833>> acesso em 08 de outubro de 2023.

WOLFF, Cristina. Pedaco de alma: emoções e gênero nos discursos da resistência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 23(3): 975-989, setembro-dezembro/2015. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ref/a/Zpx7zFsc8cdWv7K68bC5bJf/?lang=pt&format=pdf>> acesso em 03 de outubro de 2022.

ANEXO A – Carta de Alex Polari a Zuzu Angel

“A sra. Zuleika Angel

Venho por meio desta reafirmar e confirmar o testemunho prestado e enviado a várias auditorias e órgãos ditos fiscalizadores dos direitos da pessoa humana e que diz respeito ao destino de Stuart Edgar Angel Jones no centro de tortura e assassinatos do CISA para onde foi levado preso [...] na manhã do dia 14 de maio de 1971, tinha sido levado após dois dias de tortura para a região no Grajaú próximo à avenida 28 de setembro onde teria um encontro. Nos interrogatórios pude despistar o horário do encontro (que seria às 10 horas) como sendo às 8 horas, num local um pouco mais afastado. Porém às 9 horas, quando já me retiravam do local, carregado pois não podia na época andar sozinho, devido a uma paralisia nas pernas, Stuart entrou inadvertidamente nas proximidades do cerco, sendo detectado pelo esquema militar que tinha sido montado em vários quarteirões em volta. Tinha passado de um carro (um VW verde) estacionado, tendo sido reconhecido e preso pelos agentes quando passava perto de onde me encontrava apesar do esquema e o cerco (esta) estivesse se desmobilizando naquele momento. Dessa maneira presenciei sua prisão.

Stuart, quando caiu portava uma calça verde garrafa, camisa clara e um casaco bege. Foi colocado em um porta-malas de um Opala amarelo com teto de vinil preto e levado para a Base Aérea do Galeão, onde se localiza o CISA. Não me levaram juntamente com ele, pois passei o restante da manhã e boa parte da tarde sendo levado aos locais de outros encontros fictícios no término dos quais retornei novamente ao “paraíso” (nome código do Cisa) ao entardecer, indo direto para a sala de tortura no andar térreo.

Na noite do dia 14 de maio, fui torturado ao lado de Stuart. Em um momento retiraram o capuz para ligar os magnetos da máquina de choque e pude vê-lo sendo espancado, depois de descido do pau-de-arara. Logo após me colocaram numa roda e nos interrogaram sobre o paradeiro de uma metralhadora, tendo sido espancado durante algum tempo com coronhadas nas costas. Ouvi bem claro a voz de Stuart que era interrogado ao lado sobre o mesmo motivo. Os torturadores continuaram durante um bom tempo. Como era hábito, após uma sessão de horas de espancamento, pau-de-arara, afogamento e choques elétricos, cortaram a água das

celas para aumentar a sede que ocorre depois dos choques. Durante esse tempo se fica em uma cela totalmente nua.

No mesmo dia, 14 de maio, os interrogatórios prosseguiram com as idas e vindas da sala de tortura. Antes, durante a tarde, ouvi durante muito tempo um grande alvoroço no pátio do CISA. Havia barulho de carros sendo ligados, acelerações, gritos, perguntas e uma tosse constante de engasgo e que pude notar que se sucedia sempre às acelerações. Consegui com muito esforço, devido a minha situação física olhar pela janela que ficava a uns dois metros do chão e me deparei com algo difícil de esquecer. Junto a um sem-número de torturadores, oficiais e soldados, Stuart, já com a pele semi-esfolada, era arrastado de um lado para o outro do pátio, amarrado a uma viatura e, de quando em quando obrigado, com a boca quase colada a uma descarga aberta, a espirar os gases tóxicos que eram expelidos. Essa era a causa da tosse que, misturada a voz de Stuart e a dos torturadores, eu tinha ouvido durante toda a tarde. Tudo isso ante as chacotas e ridos dos torturadores. Essa fase durou praticamente até escurecer. Ao anoitecer houve um grande reboiço e montaram uma operação às pressas, onde diziam os gritos que iam “pegar gente quente”.

À noite, alguém foi colocado numa cela ao lado da minha. Esse alguém estava em estado precário e pude ver pelo postigo da porta se tratar de Stuart. Tossia a mesma tosse angustiante que ouvira durante toda a tarde. Distingui e reconheci-o também pela voz. Três frases dele se repetiam sempre: “Água”, “Vou morrer”, “Estou ficando louco”. De noite o coronel Muniz e o cel. Alcântara, entre outros, inclusive um enfermeiro, depois de passarem em todas as celas, pararam na de Stuart. Alguém disse: “Deixa de frescura, Paulo, vou te dar uma injeção, você não vai morrer ainda não”. A tosse aumentou, as frases se tornaram ininteligíveis e depois cessaram por completo. De madrugada, quase ao amanhecer, houve grande ruído de vozes, alvoroço e imprecações. Abriram a cela e retiraram de lá Stuart inerte, certamente já morto. Foi de madrugada de 14 para 15 de maio que provavelmente ele veio a falecer. Logo depois ainda captei frases soltas por parte da guarda, que mesmo na gíria própria dos torturadores, tinham um sentido inequívoco: “Virou presunto “Entrou na Vanguarda Popular Celestial”, “Mais comida de peixe na Restinga de Marambaia”. Esta última corrobora uma série de boatos sobre o destino de grande parte dos assassinatos, que seriam transportados de helicóptero até a Restinga de Marambaia (área militar) e de lá lançados em

alto mar. [...] São muitos os assassinos responsáveis direta ou indiretamente pela morte de Stuart e outros no CISA na base aérea do galeão. Os brigadeiros Burnier e Carlos Afonso Dellamora, o 1ª chefe da Zona Aérea e o 2º comandante do Cisa, foram diversas vezes a base aérea e participaram dos interrogatórios, partindo deles, em última instância, a orientação do assassinato [...] Participaram da minha tortura e da de Stuart, conjunta e isoladamente, as seguintes pessoas, fora outras que não conheço pelo nome e são seus algozes, torturadores e assassinos: Brigadeiro Burnier, Brigadeiro C. Afonso Dellamora (Do Cisa), Tte. Cel Muniz (do Cisa), conhecido como dr. Luis, tte.cel. Abilio Alcântara (do Cisa), conhecido como dr. Pascoal; cap. Lucio Barroso (do Cisa), conhecido como “dr. Pedro Paulo”, cap. Alfredo Poeck (do CENIMAR), conhecido como “Mike” ou “dr. Roberto”, Mario Borges (do DOPS) conhecido como “Bob”, Jair Gonçalves da Mota (do Dops, ex- guarda ferroviária, informante e chefe do setor de captura), conhecido como “ Capitão”, informante da Polícia de apelido “Marreco” e APJ Eduardo (do Dops) conhecido como “Norminha” e outros que por não ter certeza não vou nominar, mas os reconheceria.”

Minha senhora, esse é para mim um assunto doloroso e sei que deverá ser ainda mais para a senhora. Não me é fácil descrever as coisas de forma tão crua, mesmo sabendo que com isso distribuirei algumas esperanças de que por mais irreais que possam ser, sempre permanecerão em uma mãe aflita pelo desaparecimento de um ente tão querido. Tanto mais que, nesse caso, tenho uma ligação e um envolvimento emocional específico, desde que mesmo tendo ocorrido uma grande coincidência, a morte de seu filho me diz respeito também.”

“Haverá, creio eu, um dia em que essas coisas se mostrarão ao nosso país, serão postas a limpo, que os responsáveis serão punidos.”

Ass. Alex Polari de Alvarenga

23 de maio de 1972

Fonte: VALLI, Virginia. Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho. 4. ed. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

**ANEXO B –Carta manuscrita de Zuzu Angel destinada ao General Ernesto Geisel
(Presidente da República do Brasil)**

“Excelentíssimo Senhor Presidente da República General Ernesto Geisel

Esta é a segunda vez que me dirijo a Vossa Excelência para um doloroso apelo. A primeira foi há dois anos, por ocasião do dia das Mães. Naquele dia estive na sua residência e levei a minha aflição pelo que teria acontecido com meu único filho, Stuart Edgar Angel Jones, cuja foto deixei em sua casa.

A minha agonia é constante há quatro anos. Que teria sido feito do corpo do meu amado filho? Tão belo rapaz, torturado e assassinado no CISA, no galeão, por ordem do Brigadeiro Burnier, então comandante da 3º Zona Aérea.

Até hoje não recebi por parte das autoridades responsáveis esclarecimento algum.

Estou certa de que Vossa Excelência, como pai e como cristão que é, há de compreender a angústia quem que vivo há quatro anos. As notícias que continuo recendo do martírio que meu filho sofreu são de enlouquecer. Meu filho tinha, na época, 26 anos. Conforme carta que estou juntando, em cópia, a esta, ele fora preso no dia 14 de maio de 1971, levado imediatamente para o CISA- Aeronáutica e sofrido toda a sorte de torturas, inclusive amarrado a uma viatura da corporação e arrastado no pátio. Com a boca quase colada ao cano da descarga, foi obrigado a ingerir os gases tóxicos que eram expelidos entre acelerações e freadas contínuas.

Essa ‘operação’ martírio durou um dia inteiro, desde cedo até ao escurecer, ante as chacotas e risos dos torturadores, entre eles oficiais e soldados da Aeronáutica.

Assassinado, o corpo do meu querido filho não me foi entregue. Sinto uma dor tão grande. Agora, parece, sinto que posso acalentar uma triste e pobre esperança: saber aos mesmos onde está o corpo do meu Stuart.

Rogo, assim, a Vossa Excelência mandar apurar a responsabilidade do que ocorreu com meu filho sacrificado.

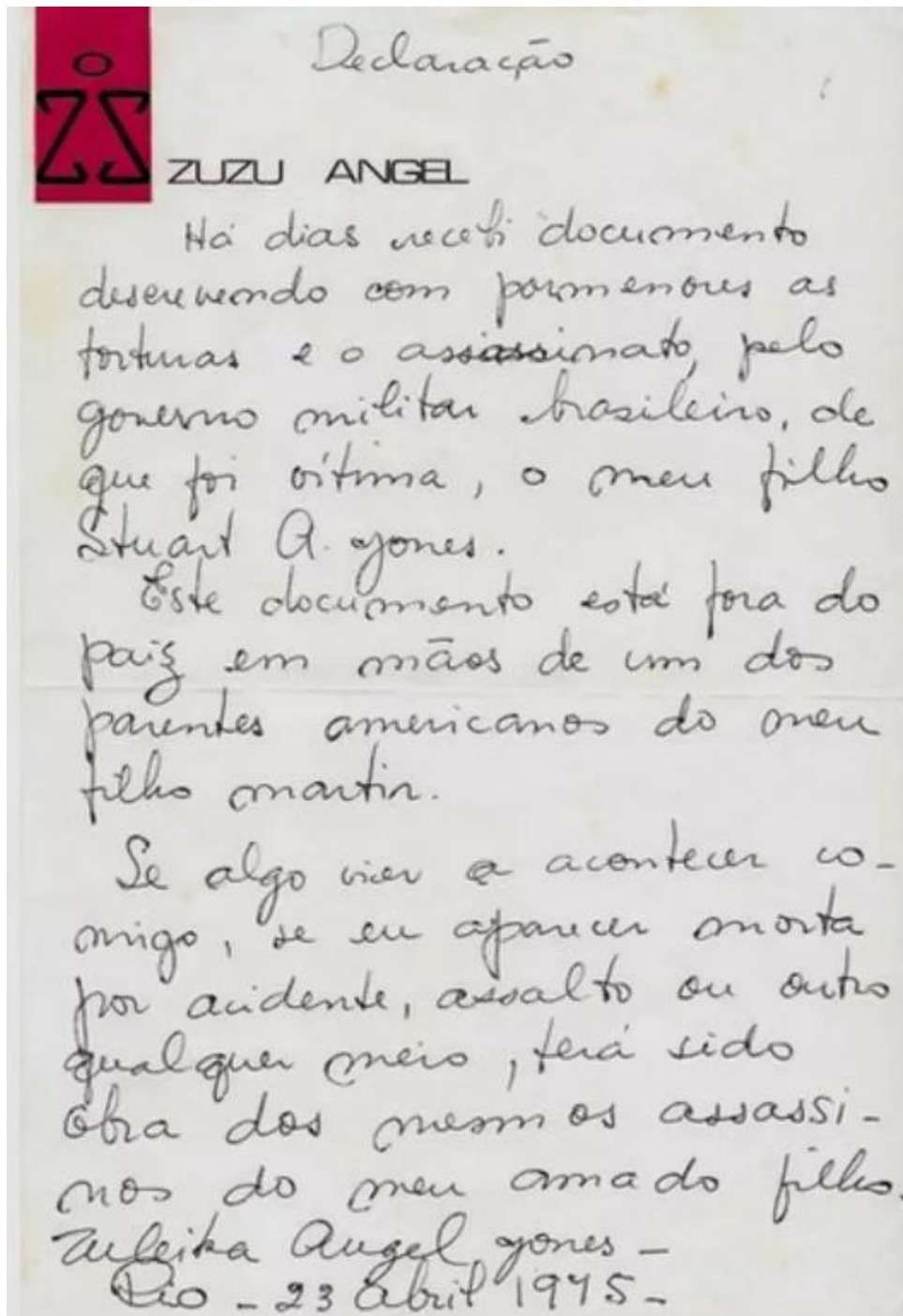
Aguardando a decisão de Vossa Excelência, subscrevo-me respeitosamente.

Zuleiza Angel Jones

Rio de Janeiro, 29 de abril de 1975

Fonte: VALLI, Virginia. Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho. 4. ed. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

ANEXO C- Carta deixada por Zuzu Angel



Fonte: Acervo do Instituto Zuzu Angel. Disponível em: <

<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/zuzu-angel-o-centenario-da-estilista-que-lutou-para-descobrir->

destino-de-filho-assassinado-e-foi-morta-pela-

ditadura,7005be97500805ed53588cd2ddd4e7b2w67xg2q3.html> Acesso em 5 de novembro de 2023.

ANEXO D – Carta ao secretário americano Henry Kissinger

Rio de Janeiro 12/21/1976

Dear Mr Secretary Henry Kissinger:

This moment, when I write this letter is a very painful and important moment to me, because I am sure, you will understand the suffering of a mother, who had her only son tortured and murdered by the Brazilian military government. They not only tortured him to death, but also deprived me, his mother, of mourning his body.

I am enclosing some documents about the torturing and murdering of my only son, Stuart Edgar Angel Jones.

An American senator told me: "this is the most dreadful story I have ever heard." Several American Senators and congressmen are helping me, some of them are being asked by Stuart's relatives, who are American citizens, resident in United States of America. I am enclosing one photo of my only son. Mr Secretary, you have just to look at it, and you will understand why so much hate against Stuart Jones.

Today, in this country, Stuart is a symbol, a symbol of a whole martyred generation. He symbolizes the democracy you have in your great country which is denied to us Brazilians. You see, Mr Secretary, although my son has been born here, in Brazil, after his murdering the story spread quickly (without being published by our press - hard censorship, you know), all over the country: "this time the military tortured to death a rich American" and people said he was a martyr, a young boy, who believed on the cause of the ~~poor~~ Brazilian poor people."

I am also including a book, written by Helio Silva, an important Brazilian historian, which was published last December and is completely sold out. On pages 182 to 186, the torturing and martyrdom of Stuart Jones, son of an American, is described as part of the "History of Brazilian Military Governments." There are also references on page eleven. The names of his torturers are on pages 185 and 186.

Mr Secretary, we Brazilians are such unhappy people,

that our martyrs, (I mean Brazilians, not a son of an American) do not become part of our history so quickly; but, be sure, nowadays we have many of them.

Stuart Jones, son of an American, in less than five years, has become a legend and part of our history - "the Dreadful History" - I recognize, but to tell you the truth, although I feel very sad, although I feel a constant hard pain on my poor heart, I do not feel unhappy, because I am very proud of my half American son, and I believe it was a privilege to be the mother of such a perfect man.

Forgive me on insisting in bringing to you again the case of my son when you are visiting my country and believe me, these are the most sincere words you are hearing on this trip.

To finish, I would like to let you know, that my in laws in States and myself will keep asking and insisting with the Senators and Congressmen of your great democratic country, for the disclosing of the case of Stuart Edgar Angel Jones, by the Brazilian government.

Best wishes,
Zuleika Angel Jones